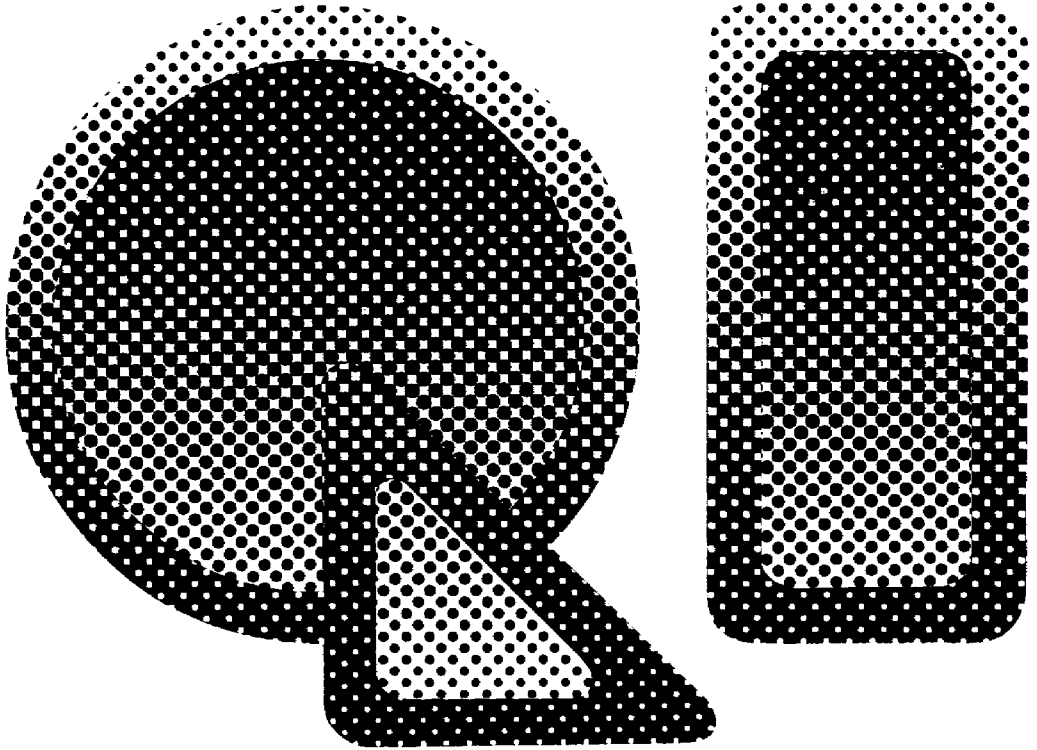


EDGARD COUTINHA



# E PROJETOS RELACIONADOS

# QI E PROJETOS RELACIONADOS

Em junho de 1982, comecei minhas atividades de editor independente lançando o primeiro número de **PSIU** (220x330mm, 50 pág., off-set, 500 exemplares). Pretendia que fosse uma revista semestral, mas só consegui lançar o segundo número em agosto de 1985 (220x330mm, 60 pág., off-set, 500 exemplares).

Comecei a organizar uma edição especial somente com HQs mudas, que resultou na edição **PSIU Mudo** lançado em junho de 1988 (220x330mm, 72 pág., off-set, capa 2 cores, 200 exemplares).

Como a edição muda teve boa recepção entre os leitores e colaboradores, organizei uma edição com o tema Deus, resultando num livro intitulado **Deus**, lançado em meados de 1989 (220x330mm, 270 pág., off-set, 100 exemplares).

Novamente a boa recepção me animou a novo projeto, mais arrojado, um álbum com o tema Ecologia, que levou mais de dois anos sendo produzido. Nesse meio tempo, decidi encerrar a revista **PSIU** lançando o terceiro número em março de 1990 (220x330mm, 70 pág., off-set, 100 exemplares).

O álbum **Eco Lógico** saiu em 1991 no formato de uma pasta contendo 50 pranchas no formato 320x455mm, impressas somente na frente, cada uma com uma HQ.

O porte da edição, e conseqüentemente seu custo, fez com que tivesse baixa aceitação entre os leitores, embora tenha feito sucesso entre os colaboradores, que receberam um exemplar de cortesia. Essa edição fez com que eu repensasse o esquema de organizar edições luxuosas e procurasse soluções que estivessem ao alcance da grande maioria dos leitores.

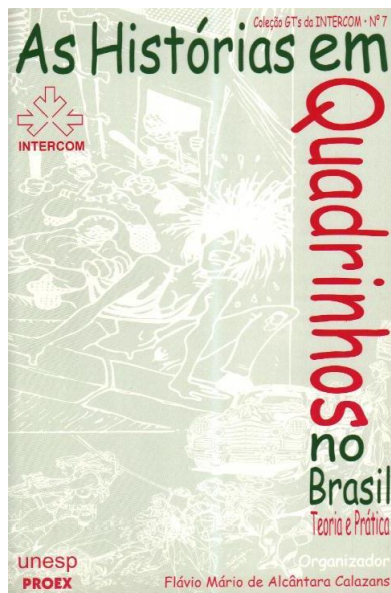
No final de 1992, tinha acertado todos os detalhes para um projeto envolvendo fanzines, a ser lançado logo no início de 1993, destaque para o **Informativo de Quadrinhos Independentes (IQI)**.

No primeiro texto aqui apresentado – *Caro Amigo Editor* – estão as informações contidas no impresso que enviei a todos os meus correspondentes, no final de 1992, anunciando meus projetos de Produção, Divulgação e Distribuição de Edições Independentes de Quadrinhos – página 4.

O texto seguinte – *A Questão da Produção, Divulgação e Distribuição de Edições Independentes de Histórias em Quadrinhos* – é o artigo que apresentei no XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação promovido pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação e pelas Instituições de Ensino Universidade Católica de Santos – UniSantos, Universidade Santa Cecília – UNISANTA e Faculdades AELIS, realizado de 3 a 7 de setembro de 1997, em Santos (SP) – página 6.

O texto foi escrito a pedido de Flávio Calazans, organizador do Grupo de Trabalhos Humor e Quadrinhos, e foi um balanço de meus projetos relacionados aos Quadrinhos Independentes, iniciados em janeiro de 1993.

Este artigo foi publicado no livro **As Histórias em Quadrinhos no Brasil – Teoria e Prática**, volume 7 da Coleção GTs da Intercom, organizado por Flávio Calazans com vários artigos e entrevistas, apresentados nos Congressos da Intercom, e lançado durante o XX Congresso.



Mais para o final de 1999, decidi implementar algumas mudanças no Informativo, as mais visíveis foram a inclusão de capa e a mudança do nome para simplesmente **QI**. É do que trata o texto seguinte – *Caro Leitor* –, publicado no **IQI** 40 (set/out/1999) – página 16.

Na sequência, apresento textos publicados nos **QIs** 49 (mar/abr/2001) – *Edgard Guimarães Projetos* – e 50 (mai/jun/2001) – *Comentários Adicionais e Mais Mudanças* – fazendo novo balanço de meus projetos e anunciando a fim da maioria deles no final do ano de 2001. Dei continuidade apenas ao serviço de Divulgação, representado pela publicação do **QI** – páginas 17 e 19.

Quando o **QI** estava se aproximando do número 100, tive que fazer uma nova reformulação. As principais foram a mudança da impressão de off-set para digital e a criação do sistema de assinatura anual. Comecei a escrever textos com os detalhes das mudanças a partir do **QI** 98 (mai/jun/2009) – *O Fim do QI* –, continuando no **QI** 99 (jul/set/2009) – *O Fim do QI (2)* – e terminando no **QI** 100 (out/dez/2009) – *O Fim do QI (3)* – páginas 21, 23 e 25.

A nova fase, iniciada no **QI** 101 (jan/fev/2010), trouxe um texto – *O Início do QI* – sintetizando as mudanças – página 27.

O **QI** 101 trouxe também um texto – *O Início de EGO* – sobre o selo que criei para publicar livros sob demanda – página 29.

A seguir, um texto – *O Fim dos Fanzines* – publicado no **QI** 115 (mai/jun/2012), que traz também uma reflexão sobre a produção do **QI** – página 30.

O texto publicado no **QI** 149 (jan/fev/2018) – *Duas Coisas* – trata de nova mudança que tive que fazer no **QI**. Em meados de 2017, a gráfica onde fazia a impressão aumentou em cerca de três vezes seus preços e tive que passar a fazer eu mesmo a impressão do **QI**, o que ocorreu a partir do número 148 (nov/dez/2017) – página 32.

No final de 2018, tive problemas que atrapalharam minhas condições de produzir o **QI**, causando atrasos para cumprir a anuidade. Incerto se conseguiria produzir o **QI** em 2019, cancelei a anuidade para este ano. Avisei aos leitores que tentaria produzir o **QI** e o enviaria de cortesia para os interessados. Felizmente, consegui produzir os 6 números em 2019 e reativei o sistema de assinatura para 2020 com o valor de R\$ 30,00. O editorial do **QI** 154 (nov/dez/2018) – *Editorial* – esclarece a situação – página 33.

Normalizada a situação, comecei a incrementar a produção de encartes. Desde o nº 119, já havia uma produção regular de um encarte por edição. Essa produção foi aumentando a ponto do nº 195 trazer 9 encartes impressos.

A certa altura comecei a fazer encartes somente digitais. O texto sobre o primeiro deles – *Shima no QI* – saiu no **QI** 163 (mai/jun/2020) – página 34.

O sítio Marca de Fantasia passou a colocar disponíveis as versões em PDF do **QI**, e aos poucos foi acrescentando tanto os números anteriores como todos os encartes e também as edições que eu havia feito antes do **QI**. Um balanço – *O QI na Marca de Fantasia* – é feito no **QI** 166 (nov/dez/2020) – página 35.

Entre final de 2019 e começo de 2020 decidi doar a bibliotecas públicas ou escolares as duplicatas que eu tinha do **QI** e outras edições. A este respeito publiquei um texto – *QI nas Bibliotecas* – no **QI** 170 (jul/ago/2021) – página 36.

Uma mudança significativa no **QI** ocorre no número 200. Com esse número deixo de fazer a impressão do **QI** e dos encartes. Passo a fazer todas as edições somente digitais, disponíveis no sítio Marca de Fantasia e com os arquivos PDF enviados por email aos leitores. O interessado por uma versão impressa poderá encomendar através da loja virtual Kalimazine. A síntese dessa mudança – *Nova Fase do QI* – é publicada no **QI** 200 (out/dez/2026) – página 39.

# CARO AMIGO EDITOR

Há mais de dez anos que estou envolvido com o mundo dos fanzines, dele participando como quadrinhista, articulista, editor ou leitor. Como colaborador, já produzi HQs, cartuns e textos para algumas dezenas de fanzines. Como editor, publiquei **PSIU**, **Deus**, **Eco Lógico** e **Na Ponta da Língua**, até o momento. E como leitor, tenho procurado adquirir todos os fanzines de que tenho notícia. De uns anos para cá, tenho pensado bastante em como participar desse mundo dos fanzines de maneira mais efetiva. E tenho acompanhado as diversas discussões sobre o assunto que movimentaram as páginas de **PolítiQua**, **Opinião** e **Nhô Quim**, entre outros. E procurei aprender alguma coisa com os textos, depoimentos, experiências, publicados nesses fanzines.

Sinto que agora estou em condições de fazer algo em maior escala pelos fanzines e pelos quadrinhos independentes, e a seguir farei a exposição de minhas ideias, esclarecendo bem os tipos de serviço que já estou apto a prestar, e o que ainda está fase de organização. Adianto que não estou propondo nada novo, alguma ideia genial que nunca ninguém pensou. Pelo contrário, a maioria das ideias expostas nos parágrafos a seguir já foram tentadas, algumas vezes sem sucesso, outras com resultados que ainda estão vivos por aí. Minha intenção é que, implementando essas ideias, eu esteja contribuindo para o fortalecimento dos fanzines.



O primeiro serviço que estou, a partir de agora, colocando à disposição dos editores é o de imprimir seus fanzines. Muitas vezes o editor paga caro e ainda por cima obtém uma qualidade de cópia baixa. Assim, eu me proponho a imprimir seu fanzine a um preço abaixo do de mercado e com uma qualidade de cópia muito boa. As ilustrações nessa página são uma amostra dessa qualidade. O procedimento, para usar esse serviço, é simples. Eu mantereí cada editor informado do valor de uma cópia no tamanho ofício a cada mês. Assim que o editor estiver com os originais de seu fanzine já prontos, ele os envia para mim, pelo correio, informando quantas cópias deseja, acompanhados do pagamento correspondente. O valor do pagamento é obtido simplesmente multiplicando o preço de uma cópia pelo número de cópias em tamanho ofício que compõe o fanzine, e pelo número de exemplares desejado. Cabe lembrar que uma folha ofício impressa frente e verso representa duas cópias. Esse pagamento pode ser feito em cheque nominal, vale postal ou dinheiro camuflado. Tão logo eu receba os originais do fanzine, providencio a impressão e, a menos que o editor não queira, a

montagem e grampeagem dos exemplares. O serviço de montar e grampear, resultando nos exemplares já prontos, não acarretará em nenhum custo adicional para o editor. Os fanzines prontos serão imediatamente remetidos de volta, pelo correio, ao editor. O custo dessa remessa ficará a cargo do editor, que fará esse pagamento ao retirar a encomenda na agência do correio em sua cidade.

Apesar de haver alguns gastos com correio, o editor sairá ganhando com o preço da cópia, com a qualidade da reprodução, e economizando o tempo que gastaria para montar e grampear os exemplares. Caso o editor ache inconveniente encomendar, de uma única vez, todos os exemplares que deseja, não há problema. Inicialmente, junto com os originais do fanzine, o editor enviaria o pagamento de um número reduzido de exemplares. Eu providenciaria a impressão desses exemplares e faria uma cópia extra que eu manteria comigo, arquivada. Ao remeter os exemplares, eu devolveria os originais, mas sempre que o editor desejar novas cópias, basta pedir através de carta simples com o pagamento pelas novas cópias, sem necessidade de enviar novamente os originais. Assim, a qualquer instante, poderei atender o editor em qualquer quantidade de cópias que ele desejar. Inicialmente estarei oferecendo esse serviço de impressão apenas para os fanzines nos formatos A4 (210x297mm), ofício (216x330mm) e meio ofício (165x216mm). Futuramente, outros formatos poderão também ser atendidos. Se o editor desejar que a capa seja impressa em papel de maior gramatura ou com uma segunda cor além do preto, isso pode ser feito.

Os preços de cada cópia no tamanho ofício serão:

Em Janeiro: Cr\$ 1.000,00

Em Fevereiro: Cr\$ 1.250,00

Se este serviço que estou oferecendo encontrar receptividade junto aos editores e houver um bom volume de pedidos, o preço por cópia certamente cairá. No momento, não posso cobrar menos do que o estipulado acima, sob risco de inviabilizar a iniciativa.

Um segundo serviço que estou começando a organizar é a confecção de um cadastro de leitores de quadrinhos no Brasil. Eu mesmo já possuo um lista de nomes e endereços de pessoas interessadas em quadrinhos, e minha intenção é aumentá-la, buscando pessoas que até o momento só procuram as bancas e livrarias, e não conhecem a opção de se conseguir revistas de HQs e fanzines através do correio. A ideia é usar um computador para informatizar esse serviço, de modo a tornar fáceis tarefas como a emissão de circulares, o endereçamento de cartas ou encomendas etc. A organização desse serviço já está sendo iniciada, e gostaria de pedir a ajuda dos amigos editores. Peço que, se possível, me enviem cópias de suas listas de leitores. Aqueles que me fizerem essa gentileza, retribuirei enviando de volta cópia do cadastro completo, tão logo esteja pronto. De qualquer forma, não pretendo tornar exclusivo o uso desse cadastro. Ele estará sempre à disposição de quem deseje utilizá-lo.

Outros serviços estão sendo pensados e logo estarão à disposição dos interessados. Provavelmente em março estará saindo o primeiro número de um boletim bimestral destinado a divulgar todos os fanzines de quadrinhos. Será gratuito e enviado a todos cujos nomes constarem do cadastro. Peço, portanto, a todos os editores que me mantenham informado de seus lançamentos, enviando-me dados como Nome do fanzine, Formato, Número de páginas, Periodicidade, Preço, um resumo do conteúdo e, se possível, uma cópia reduzida da capa, além, é claro, do nome e endereço do editor.

Assim que esses serviços estiverem em funcionamento normal, outros começarão a ser implementados. Um deles será o de realizar, para o editor que estiver deixando a impressão de seu fanzine a meu encargo, todo o trabalho de divulgação do lançamento, recebimento do pagamento feito pelos leitores, remessa dos exemplares pelo correio a cada leitor etc. Assim, o editor ficará liberado de todo o serviço burocrático, podendo dedicar mais tempo à confecção do fanzine. Oportunamente voltarei a contatar os amigos para mais detalhes sobre os futuros serviços que planejo executar.

No momento, espero contar com o apoio de vocês para levar a bom termo o projeto que ora inicio.

Sem mais, atenciosamente,



# A QUESTÃO DA PRODUÇÃO, DIVULGAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE EDIÇÕES INDEPENDENTES DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

## 1. INTRODUÇÃO.

As edições independentes, em geral e não apenas as dedicadas às Histórias em Quadrinhos, são o resultado da iniciativa e esforço de pessoas que se propõem a veicular produções artísticas ou informações sobre elas, que possam ser reproduzidas e enviadas a outras pessoas, fora das estruturas comerciais de produção cultural.

Os trabalhos veiculados nas edições independentes podem, a grosso modo, ser classificados em: textos críticos ou opinativos sobre a produção já existente; republicação de trabalhos já publicados em outros órgãos; e trabalhos inéditos.

Entende-se por Produção de uma edição independente as etapas que começam com a iniciativa de editar, passa pelo trabalho de definir linha editorial, conseguir o material a ser editado, manter contato com colaboradores, montar a edição, conseguir a impressão, até chegar ao resultado final que é a edição impressa.

Divulgação compreende o trabalho de anunciar a edição, elaborar e enviar malas diretas, fazer com que possíveis interessados saibam da existência do trabalho.

Distribuição é fazer a edição chegar ao leitor, inclui receber pedidos, envelopar e postar, colocar em bancas ou lojas especializadas, ou mesmo vender de mão em mão em eventos afins.

Sob o nome de Editores Independentes agregam-se pessoas com um vasto espectro de pensamentos, ideias e ideais. Há num extremo da faixa aquele que pretende realizar um trabalho extremamente pessoal, com uma forma de produção já definida, dirigida a um círculo restrito de amigos, a quem as questões Produção, Divulgação e Distribuição são de menor importância. No outro extremo, ainda Independentes, mas mais próximos da estrutura profissional/comercial, estão os editores que se preocupam em encontrar formas mais eficientes de produzir, divulgar e distribuir seus produtos. São esses que promovem constantemente debates e discussões no meio independente, debates estes que geraram as ideias que serão desenvolvidas neste texto.

## 2. PRODUÇÃO, DIVULGAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO.

### **Produção.**

Inclui o aspecto mais pessoal de todo processo. Em relação à elaboração dos originais da edição não há muito o que discutir, pois envolve principalmente a visão do editor, sua capacidade de criar, de contatar outros criadores, de organizar todo o material disponível. Não há receitas ou fórmulas, a edição será reflexo da formação cultural do editor. Obviamente o resultado também dependerá dos recursos materiais que o editor tiver disponíveis, como máquina de escrever, computadores, scanners, etc, mas decididamente estes não são os ingredientes mais importantes na feita da edição. O que caracteriza primordialmente uma edição independente é a personalidade que seu editor lhe imprime.

A impressão constitui-se hoje um problema menor do que alguns anos atrás. Atualmente há uma difusão relativamente grande de máquinas copadoras com preços de cópia relativamente acessíveis.

A situação está longe do ideal, pois o custo da cópia xerográfica ainda é bem maior do que o da impressão em off-set por exemplo, mas permite que o editor com pouco capital possa fazer pequenas tiragens de sua edição em xerografia, de acordo com suas possibilidades. Apesar de, como já foi dito, a facilidade de impressão hoje ser bem maior, a necessidade de algum recurso financeiro para o editor bancar mesmo que uma pequena tiragem ainda é um problema grande para muitos editores que não conseguem ultrapassá-lo. Diversas soluções são tentadas para resolver este problema, sendo que a mais comum é a constituição de grupos ou cooperativas. Diversas pessoas com interesses semelhantes se agrupam para produzir edições em conjunto, rateando tanto os custos de impressão quanto o próprio trabalho de produção dos originais, e também o trabalho futuro de divulgação e distribuição. Esta solução tem os problemas de todo agrupamento, as divergências de opiniões e objetivos, as dificuldades de relacionamento etc. Há diversos exemplos de grupos de editores que se mantêm em atividade com produção regular. Outra solução é o uso de anunciantes e patrocinadores para bancar os custos de impressão. A dificuldade óbvia desta solução é que o editor tem que também fazer as vezes de departamento comercial e sair à caça de anúncios e patrocínios. Diversos editores têm conseguido viabilizar seus projetos com este recurso.

### **Divulgação.**

Uma das principais características das edições independentes é a mútua divulgação que fazem entre si. No entanto, esta divulgação fica muito restrita dentro do próprio meio independente, uns divulgando os outros. Sem dúvida, este é o aspecto mais visível do sentimento de cooperação que irmana os editores independentes, no entanto, se o objetivo for uma divulgação maior, há necessidade de iniciativas mais arrojadas. Esta questão tem desafiado os editores. Campanhas publicitárias em veículos de grande circulação exigem grande investimento e estão fora de cogitação. A alternativa seria conseguir espaço semelhante mas sem o custo correspondente. O envio de anúncios, releases ou mesmo da própria edição para os órgãos de imprensa, os cadernos culturais ou de entretenimento, no entanto, sempre se mostrou improdutivo, pois sempre foram sistematicamente ignorados. Atualmente até que os grandes jornais fazem esporadicamente reportagens sobre fanzines e edições independentes, alguns mantêm até colunas regulares sobre o assunto, no entanto seguindo critérios nem sempre compreensíveis. Normalmente este espaço na grande imprensa representa uma conquista de algum repórter ou colaborador do jornal, que se interessa pelo assunto, mas que nem sempre consegue manter o espaço com regularidade. Assim, o mais viável para o editor independente é procurar descobrir essas pessoas chaves dentro das redações e contactá-las diretamente. Mas mesmo a divulgação em grandes jornais não traz retorno significativo para o editor independente. O número de leitores do jornal que procura contactar a edição divulgada costuma ser assustadoramente baixo. Portanto a questão da Divulgação carece ainda de solução eficaz.

### **Distribuição.**

A maior parte da distribuição das edições independentes é feita através do correio. As vantagens são muitas: o alcance é grande, chega a toda parte do país, podendo também alcançar outros países; o custo é relativamente baixo – considerando a tarifa nacional, chega a no máximo 30% do valor da edição. Algumas desvantagens são: o trabalho extra de receber pedidos por carta, embalar e postar a edição; o transporte pelo correio não é muito cuidadoso. Outra desvantagem que é considerada grande baseia-se na suposição de que o leitor é preguiçoso e que a maioria não se dá ao trabalho de encomendar uma edição por carta, pelo próprio inconveniente de ter que escrever a carta e pela demora em receber o produto. Esta suposição é questionável, já que existem diversas empresas comercializando todo tipo de produto somente via postal, inclusive o Círculo do Livro, cuja revista já teve uma tiragem de mais de um milhão de exemplares.

Embora a distribuição pelo correio seja o meio mais viável, os editores independentes têm procurado outras alternativas. A questão é que por alguma razão ainda a ser convincentemente explicada o número de leitores contactáveis através do correio logo satura e fica difícil conseguir novos leitores. Para o editor que deseja fazer uma tiragem maior de sua edição, esta quantidade de leitores não é suficiente. Daí ter que procurar outros meios de chegar a outros leitores. A distribuição em bancas de jornais é uma opção, mas muito restrita, pois exige que o editor faça um alto investimento na impressão de uma tiragem relativamente grande para se conseguir contratar um distribuidor profissional. Uma alternativa mais acessível é o editor fazer ele próprio uma distribuição em bancas e livrarias especializadas. Além de aumentar bastante o trabalho do editor, que tem que percorrer periodicamente todos os pontos de venda para deixar o produto, checar as vendas e fazer o acerto de contas, esse sistema encarece a edição, aumentando seu preço em pelo menos 100%. Também, é claro, só funciona em grandes cidades onde haja um grande número de bancas e que seja viável o editor percorrê-las.

Há uma expectativa muito grande por parte de muitos editores em relação à criação de uma estrutura organizada para distribuição de edições independentes em bancas especializadas, através da união informal de diversos editores de diversas cidades do Brasil, uns distribuindo as edições de todos os outros, e já houve diversas movimentações neste sentido, mas a questão apresenta muitas dificuldades. É muito difícil criar e manter uma estrutura deste porte, de maneira informal, contando apenas com a boa vontade dos participantes. Talvez isso só seja possível como resultado de um investimento de médio porte, com a criação de uma empresa nos moldes tradicionais, que se baseie no lucro para manter seu funcionamento. A alternativa de vender a edição de mão em mão também tem muitas restrições, depende da disposição do editor para essa tarefa, e depende da existência de eventos como festivais, congressos, convenções, onde compareça público potencialmente interessado. Normalmente os editores não perdem essas oportunidades, quando aparecem.

### 3. O INFORMATIVO DE QUADRINHOS INDEPENDENTES.

Na realidade o **Informativo de Quadrinhos Independentes** é só um dos projetos relacionados a edições independentes que comecei a organizar a partir do final de 1992, mas é o que ganhou maior destaque e como está estreitamente interligado aos demais, justifica-se colocá-lo no centro destas discussões.

A partir de meados da década de 1980, os editores de fanzines relacionados a quadrinhos passaram a preocupar-se mais intensamente com as questões de produção, divulgação e distribuição de suas edições, e isso gerou um debate muito ativo, que se propagou por diversos fanzines, mas se concentrou principalmente em **Opinião** de Paulo Ricardo Abade Montenegro, **Nhô Quim** de Henrique Magalhães, **PolítiQua** de José Carlos Ribeiro, e **Repórter HQ** de Antônio Gobbo. Todas essas ideias que circularam nessa época foram as bases de minhas reflexões sobre o assunto e que culminaram com os projetos que passei a desenvolver a partir do início de 1993.

Todos os problemas relacionados ao meio independente foram atacados de modo que as soluções fossem ao mesmo tempo abrangentes e viáveis de serem executadas por uma só pessoa. A seguir serão detalhados os projetos implementados a partir de 1993 sob a forma de diversos serviços oferecidos ao meio independente.

**Serviço de Impressão.** O ponto central foi a aquisição de uma máquina copiadora, para tornar possível a impressão de edições para o editor independente que não tivesse fácil acesso a uma reprodução de boa qualidade a preço acessível. O preço estipulado para a cópia foi mais ou menos o preço de mercado, o editor envia as matrizes de sua edição pelo correio e recebe também pelo correio a quantidade de exemplares encomendada.

O custo da remessa pelo correio é baixo em relação ao custo da impressão, portanto este ponto não inviabiliza o esquema. Como um atrativo a mais, incluiu-se no preço da cópia o serviço de montar e grampear os exemplares. Para facilitar o serviço, estipulou-se apenas os formatos ofício (216x330mm), meio ofício (165x216mm) e carta (216x279mm) para impressão das edições.

**Serviço de Edição.** A ideia é promover a produção de quadrinhos independentes na forma de álbuns e minisséries. O autor envia seu trabalho em história em quadrinhos para montagem em uma única edição (álbum) ou uma coleção de edições (minissérie). Pensou-se com isso estimular o autor que não se anima a produzir trabalhos de maior fôlego pela falta de perspectiva de publicação.

**Serviço de Distribuição.** Os objetivos deste serviço são viabilizar edições de quem não pode arcar com seus custos de produção e poupar o editor de tarefas menos nobres como imprimir, montar, divulgar, receber pedidos, envelopar e postar a edição. O editor envia as matrizes de sua edição prontas e todas essas tarefas são feitas para ele.

**Serviço de Divulgação.** Aqui entra o **Informativo de Quadrinhos Independentes**, cuja função é manter aberta a comunicação entre o editor e o leitor. O objetivo mais pretensioso é ir criando o "mercado consumidor" de edições independentes. Ou, em outras palavras, criar o meio de chegar a todo leitor interessado em edições independentes, de modo que se possa facilmente informar cada leitor em potencial sobre cada lançamento do meio independente. Para isso o Informativo deve ter algumas características: ser periódico, para que o elo entre leitores e editores se mantenha; ter preço acessível, de preferência gratuito. A periodicidade adotada foi a bimestral, para que houvesse tempo hábil para sua produção. Estipulou-se um preço simbólico para ajudar nos custos de postagem e para garantir um retorno do leitor e assim saber se ele continua interessado. A idealização do Informativo coincidiu com uma ideia semelhante da Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas, sob responsabilidade de Worney A. Souza.

# INFORMATIVO DE QUADRINHOS INDEPENDENTES

JAN - FEV - 93

Nº 0

CARO LEITOR,

As Histórias em Quadrinhos têm hoje um reconhecimento de seu valor como arte, literatura, meio de comunicação, produção cultural. Somente alguns muito mal informados ou portadores de algum preconceito patológico poderia negar que algumas das obras primas das Artes e Letras desse século vinte foram produzidas sob a forma de Histórias em Quadrinhos. No Brasil, o leitor já teve e tem acesso a muitos dos quadrinhos de qualidade produzidos no mundo, principalmente os oriundos dos EUA, mas há um número extremamente grande de obras europeias, asiáticas, sul americanas ou mesmo norte americanas de excelente qualidade que permanecem desconhecido. No entanto, não está aí o prejuízo maior que o leitor brasileiro está sofrendo. A grande lacuna para o leitor no Brasil está justamente no quadrinho brasileiro. É muito pequeno, em alguns casos insignificante, o número de edições produzidas no Brasil colocadas ao alcance do leitor. E não é por

falta de capacidade do artista nacional. Pelo contrário, é incrível o grande número de quadrinhistas talentosíssimos existentes nesse país. Alguns desses o leitor conhece pois conseguem aparecer, ainda que esporadicamente, em edições em banca. Mas há um número ainda maior de quadrinhistas do mais alto nível que são conhecidos apenas da quem acompanha os fanzines e revistas de quadrinhos independentes. Há quase trinta anos que, no Brasil, se publicam edições independentes contendo quadrinhos dos mais diversos tipos, além de informações sobre eles. São edições de circulação restrita que até o momento têm atingido apenas um pequeno número de aficionados que se dispõem a contactar os editores dessas publicações através do correio. No entanto, a qualidade de muitos desses trabalhos é mais que suficiente para interessar aos leitores que até agora têm procurado quadrinhos apenas nas bancas e livrarias.

# INFORMATIVO DE QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 24 JAN + FEV + 97

CARO LEITOR,

Com este número completamos quatro anos editando o "IQI", divulgando mais de uma centena de edições a cada número. Este trabalho, mesmo sendo grande, nos traz muita satisfação. Principalmente quando podemos constatar que todo este esforço está sendo de utilidade para o leitor, que analisa sua aprovação através do voto. Pela quarta vez consecutiva, nosso trabalho recebeu o "Prêmio Jayme Cortez" de Ilustração a HQI, e pela segunda vez o "Troféu Angelo Agostini" na categoria Melhor Fanzine. Isto só nos anima a continuar em frente, e a todos que nos prestigiarem nossos sinceros agradecimentos.

ESGARDO CANTIMARDE



GIBIZON RADICCI

Revista de quadrinhos com as criações de Toti. Traz HQs de Radici no estilo de Frederico De Jodini e Adão Ventura.  
- nº 12, novembro de 96, 40 páginas, formato 220x300mm.  
- Edição Publicação: R. Vianinha de Moraes, 909/23 - Centro 95023-182 - Curitiba do Sul - PR.  
- preço: R\$ 3,50 ou R\$ 21,00 a assinatura por 6 números.

AMAGO

Fanzine sobre quadrinhos. Traz matrizes sobre as formas de Morte nas HQs, e sobre a arte de Alca Rozas.  
- nº 18, outubro de 96, 12 páginas, meio ofício.  
- editor: Marcos Pereira - R. Coronel Nani de Azevedo, 25 04020-070 - São Paulo - SP.



MOBY

Revista de humor. Traz HQs de Edler, Val Fari e Marco Aurelio Rocca, Renato Rodrigues e Wagner Prati, e diversos textos de temas, com enfoque para o julgamento de Tereza.  
- nº 37, novembro de 96, 96 páginas, formato 160x160mm.  
- editor: Luana Mar - Apartado 3003 - 09060 - Baurage - SP.  
- obs.: o selo Mono Grafico publica diversas outras edições.

Fanzine de quadrinhos. Traz entrevista com Edgar Franco, HQs de Edgar, Marcelo Hamada, Dilcênio, divulgação de zines, etc.  
- nº 1, fevereiro de 96, 28 páginas, meio ofício.  
- editor: Marcelo Hamada - R. Giuseppe Lorenzini, 236 04089-000 - Santo André - SP.  
- preço: R\$ 1,00 mais 4 selos de 1º porte.



SOLAR

Revista de quadrinhos. Com este número 7, encerramos a primeira fase da abertura do hotel Solar. "Ara de Icarus", Teatro de Wellington Sirok e desenhos de Erick de Azevedo e Sidney Telles.  
- nº 7, novembro de 96, 36 páginas, formato 170x260mm.  
- Público: C. P. 791 - Agência Central  
- 30161-970 - Belo Horizonte - MG.  
- preço: R\$ 2,00.

MONO GRAFICO

Revista de quadrinhos. Traz desenhos de HQs curtas na linha do humor e da experimentação, além de textos divertidos.  
- nº 37, novembro de 96, 96 páginas, formato 160x160mm.  
- obs.: o selo Mono Grafico publica diversas outras edições.

OLHA A FRENTE!

Revista de humor. Traz HQs de Edler, Val Fari e Marco Aurelio Rocca, Renato Rodrigues e Wagner Prati, e diversos textos de temas, com enfoque para o julgamento de Tereza.  
- nº 5, novembro de 96, 46 páginas, formato 210x275mm.  
- Editor: Escala - C.P. 20069 - 02397-970 - São Paulo - SP.

MOBY

Fanzine de quadrinhos. Traz entrevista com Edgar Franco, HQs de Edgar, Marcelo Hamada, Dilcênio, divulgação de zines, etc.  
- nº 1, fevereiro de 96, 28 páginas, meio ofício.  
- editor: Marcelo Hamada - R. Giuseppe Lorenzini, 236 04089-000 - Santo André - SP.  
- preço: R\$ 1,00 mais 4 selos de 1º porte.

O nº 0 do Informativo, lançado em janeiro de 1993, e o nº 24, um dos últimos lançados quando da produção deste texto.

Assim, o Informativo saiu como uma edição conjunta com a AQC. Atualmente o Informativo é editado por mim e por Worney, que mantém coluna regular sobre quadrinhos.

O objetivo do Informativo é mais geral do que servir aos meus projetos, tanto que não divulga somente as edições que têm impressão, edição ou distribuição sob minha responsabilidade, mas está aberto à divulgação de toda edição independente. Inicialmente a ideia era se restringir às edições relacionadas a Histórias em Quadrinhos, mas hoje a divulgação se estende a todo tipo de edição, de música, poesia, cinema, etc.

**Serviço de Cadastramento.** Estreitamente ligado ao Informativo, trata-se da organização de um Cadastro de Leitores de Edições Independentes, cadastro este que é a própria lista de leitores do Informativo. A montagem deste Cadastro conta com a ajuda de todo mundo que se interesse em aumentar e fortalecer o meio independente e se disponha a enviar nomes e endereços de prováveis leitores. Em contrapartida, o Cadastro está disponível a todo editor que deseje divulgar suas edições para um número maior de pessoas.

Alguns pontos importantes devem ser salientados pois estão no fundamento da elaboração destes projetos. O objetivo foi criar uma estrutura que fosse capaz de prestar os serviços descritos mas que fosse capaz de se sustentar financeiramente. Assim todas as edições impressas e editadas dentro deste esquema são para venda, pois é a receita obtida daí que cobrirá os custos de cópia, manutenção e troca da máquina copiadora, e pagamento de salário para um funcionário encarregado de fazer todo o serviço. No entanto, apesar desta preocupação em manter os projetos economicamente viáveis, não se trata de um empreendimento comercial, visando ao lucro. Pelo contrário, está bem dentro do espírito amador e de cooperação que caracteriza as edições independentes. No serviço de Impressão é cobrado do editor somente o necessário para cobrir custos de cópia e postagem. Nos serviços de Edição e de Distribuição não é cobrado nada do editor por um lado, e por outro também não lhe é repassado nada do valor cobrado do leitor; os custos de produção dos originais são arcados pelos próprios editores. Do mesmo modo, os custos de impressão e postagem do Informativo são arcados por Worney e por mim. Portanto, tratam-se de projetos inteiramente inseridos no contexto das edições independentes.

Outras questões pertinentes são explicitadas a seguir. Ainda dentro do objetivo de se manter dentro dos ideais do mundo das edições independentes, os projetos foram implementados de forma a servirem a toda pessoa que quisesse fazer uso deles. Assim, qualquer editor que quiser e achar conveniente pode se utilizar de quaisquer dos serviços oferecidos. Por exemplo, o serviço de Impressão foi estruturado para atender mesmo que a uma tiragem baixíssima. Do mesmo modo, o serviço de Edição levou em conta a possibilidade de uma determinada edição divulgada não interessar a nenhum leitor. Considerando que uma parcela significativa das edições teria um número pequeno de exemplares impressos, o off-set como meio de impressão foi logo descartado. A solução viável é a impressão em xerografia, que permite imprimir qualquer número de exemplares, mesmo um único exemplar, ou só imprimir sob encomenda, à medida que houver pedido. Este é um ponto fundamental, evitar o prejuízo com encalhe. Portanto a escolha do processo xerográfico como meio de impressão foi indiscutível, apesar de ser um processo de custo mais elevado. Ou seja, o custo unitário de uma edição em xerografia é bem maior que o custo unitário de uma edição em off-set com tiragem por volta de mil exemplares. No entanto, muito poucas edições independentes tem tiragens de mil exemplares. E, repetindo, o objetivo foi atender mesmo às edições de baixa tiragem. Este custo maior da cópia xerográfica faz com que o preço de uma revista de quadrinhos independentes seja maior que o de uma revista equivalente produzida por uma editora profissional e colocada à venda nas bancas. Quanto a isso não há nada a fazer a não ser esperar que o desenvolvimento tecnológico faça os custos do processo xerográfico caírem até se tornarem competitivos com os custos das impressões de grande tiragem. É curioso notar que a comparação do custo de um livro independente feito em xerografia com um livro profissional encontrado em livrarias resulta em preços equivalentes.

Para tornar possível a implementação destes serviços, foi preciso padronizar algumas atividades, para tornar mais eficiente a utilização de tempo e recursos. Assim, todo lançamento sob minha responsabilidade faz uso apenas do Informativo para sua divulgação. Isto torna os anúncios mais pessoais, pois elimina-se a correspondência pessoal para anunciar um determinado lançamento, mas é a forma de tornar este serviço possível. Uma vez divulgados, a impressão de cada exemplar só é feita quando houver o pedido do leitor com o pagamento no ato. Isto evita o encalhe, pois só é impresso o exemplar que já está vendido. Há também uma padronização nos formatos das edições impressas, sendo possíveis somente os formatos ofício, meio ofício ou carta. Além de não se oferecer impressão em outros formatos, também não há opção de impressão em outras cores ou outros tipos de papel como o papel colorido, ou tipos diferentes de encadernação. O não oferecimento destas opções deve-se ao fato de serem economicamente inviáveis devido ao baixo número de exemplares impressos de cada edição. Por outro lado, sempre coerente com o espírito independente, não há exclusividade nas edições que estejam sob minha responsabilidade. Ou seja, os editores podem buscar outras formas de divulgação, ou fazer tiragens por conta própria, há liberdade de ambas as partes para fazerem o que puderem no sentido de beneficiarem a difusão de alguma edição em particular ou do meio independente como um todo.

Em relação à distribuição, os esforços foram concentrados em tentar fortalecer as vendas exclusivamente pelo correio, daí a ênfase dada ao Informativo e à confecção do Cadastro de Leitores. Evidentemente, nada impede que cada editor trabalhe paralelamente com sua edição, bancando uma tiragem para distribuição em bancas especializadas ou venda em eventos.

Em suma, procurou-se montar um esquema que ajudasse os editores nas tarefas menos criativas, e não interferisse substancialmente na criação da edição.

#### 4. CRÍTICA AOS PROJETOS.

No final do ano de 1992 enviei a centenas de pessoas relacionadas ao meio independente alguns impressos detalhando os projetos que estavam em andamento, previstos para implantação no começo de 1993. De todas as respostas que recebi, a carta de Flávio Calazans, quadrinhista e editor do fanzine **Barata**, se destacou pela análise objetiva e sincera que fez das propostas apresentadas. A seguir uma síntese dos “contras” visualizados por Calazans.

1. – A ideia de lucro com fanzines é querer ter lucro com hobby, o fanzine serve de passatempo para o adolescente ou para o fanático por algum tema.

2. – A maioria dos fanzines é gratuita, os autores bancam os zines para ver as ideias circularem. Se os leitores tiverem que comprar as edições que antes recebiam gratuitamente, muitos vão se desinteressar.

3. – No fanzine, há uma relação pessoal entre autor e leitor que permite um intercâmbio mesmo entre trabalhos de editores iniciantes que não atrairiam a atenção caso fossem colocados à venda de forma pessoal. Talvez a presença de um distribuidor central a médio prazo destrua os fanzines, ao prejudicar esta relação. Muito editor novo ficaria desmotivado ao saber que sua edição mal conseguiu vender meia dezena de exemplares. Esta seleção natural seria uma descaracterização do movimento fanzineiro.

4. – A proposta de um formato “ideal” de edições com 20 páginas não é uma standartização baseada no modelo americano? Este tipo de restrição à liberdade do autor faria jogar fora muitas boas ideias. Este formato talvez seja bom para revistas de super-heróis americanos, mas pode não ser para o leitor de edições independentes. A revista **Metal Hurlant** deu certo justamente por ser diferente, ela rompia as regras do mercado. A centralização e seu alto grau de ordem é entropia fatal ao sistema aberto dos fanzines. Imagine todos os fanzines iguais, nunca mais um minizine ou formato diferente.

5. – Uma iniciativa como a do Círculo do Livro necessita de credibilidade e qualidade gráfica para satisfazer as expectativas de um grande público. O leitor que gasta nas livrarias especializadas curte é álbum de luxo em policromia feito pelos grandes nomes da HQ internacional. Além de não conhecer os autores do meio independente, não vai querer edições em preto e branco em xerox.

A seguir farei comentários sobre cada tópico da crítica feita por Calazans.

1. – A ideia de lucro não é em cima da produção do fanzine, mas sim em cima da cópia tirada. A maioria dos editores fica na dependência da existência de uma boa copiadora para imprimir suas edições. E na maioria das vezes paga preço de mercado pela cópia. Então já existe aí alguém lucrando dentro do processo dos fanzines, o dono de estabelecimento comercial que faz cópias. A ideia, portanto, é manter, dentro do processo, esse elemento economicamente viável.

2. – Se um editor tem acesso a cópia grátis e faz seu fanzine praticamente sem custo e pode enviá-lo gratuitamente a seus leitores, o problema de impressão deste editor já está resolvido. O objetivo do Serviço de Impressão é atender àquele que sempre pagou pelas cópias o preço de mercado e nem sempre obteve boa qualidade. Se este editor bancava o custo de cópia e enviava os fanzines de graça, ou se cobrava por ele, poderá continuar fazendo do mesmo jeito que antes, o sistema implantado não afeta este ponto.

3. – Para o editor que pretender deixar todo o serviço de impressão, divulgação e distribuição por minha conta, aí há um sério problema em potencial. De fato, pode haver uma quebra da relação pessoal entre editores e leitores, e isso é muito prejudicial à atividade fanzineira. O problema pode ser contornado se o editor for dinâmico e continuar mantendo correspondência com os leitores mesmo estes não adquirindo os fanzines diretamente com ele.

4. – O formato “ideal” proposto, que foi o de fazer minisséries com edições de 20 páginas no formato meio ofício, foi só um sugestão visando a tornar as edições mais baratas e acessíveis. Não foi uma exigência incontornável. Diversos trabalhos foram publicados em outros formatos. Já a padronização dos formatos ofício, meio ofício e carta para a impressão foi simplesmente porque outros formatos aumentariam custo e/ou trabalho. No entanto, o editor estaria livre para encomendar a impressão em um dos três formatos disponíveis e depois adaptá-lo a sua vontade.

5. – A citação ao Círculo do Livro foi apenas para tentar desmistificar o tal comodismo das pessoas, tanto o de comprar coisas pelo correio como o de consumir produtos culturais. Sempre tive claro em mente que a implantação de uma estrutura comercial com chances de sucesso necessitaria do investimento de um grande capital, de gerência de pessoas de grande capacidade administrativa, e coisas do tipo. No entanto, eu tinha que fazer uma tentativa, mesmo com uma quase total ausência de recursos financeiros. A questão do público consumidor de álbuns importados é realmente difícil. Envolve a questão da mentalidade desse público sobre a qualidade do produto estrangeiro e isso é muito difícil de mudar.

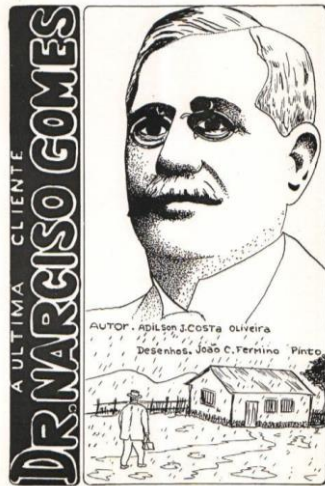
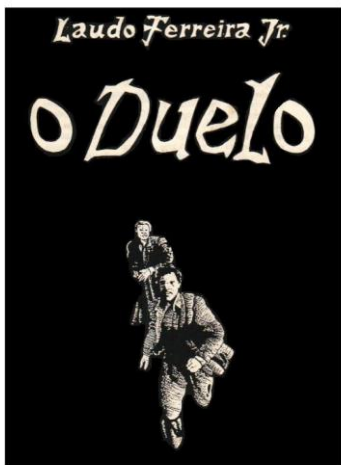
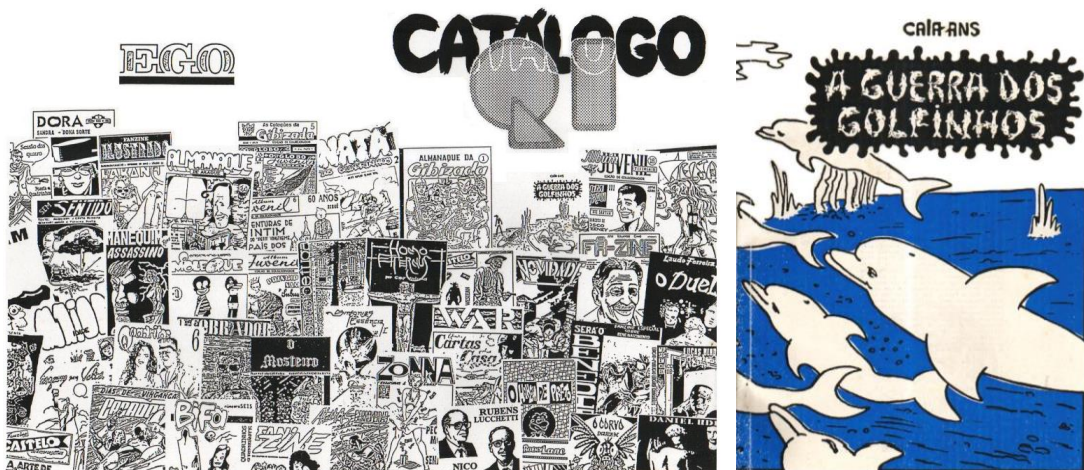
## **5. AVALIAÇÃO DOS PROJETOS.**

A seguir será feita uma avaliação dos resultados obtidos com os projetos descritos anteriormente, comparando-os com o esperado inicialmente.

1. – O lucro pretendido com as cópias é muito baixo. É o suficiente para pagar os custos de papel e toner e alguma manutenção da copiadora. Diversos outros custos como a impressão e postagem do Informativo, pagamento de salário para um ajudante e a diferença na troca de máquina copiadora têm sido bancados por mim. Dois fatores principais causam este baixo lucro. O primeiro é que as cópias de HQs por terem muito fundo preto gastam de 3 a 7 vezes mais toner do que uma cópia comum, e o toner é o parte mais cara no custo da cópia. Outro é que optei por manter o preço da cópia abaixo do preço médio de mercado para facilitar a aquisição das edições distribuídas por mim.

2. – Poucos editores fizeram uso exclusivamente do Serviço de Impressão. Para tirar somente cópia, os editores parecem ter preferido as copiadoras locais, ao invés de enviar o original pelo correio e receber dias depois também pelo correio os fanzines impressos. Mesmo assim há editores como José Magnago que desde 1993 faz todas as cópias de **O Castelo de Recordações** comigo, variando a tiragem de 15 a 40 exemplares. Estes editores não mudaram seus esquemas quando passaram a usar o Serviço de Impressão. Aqueles que bancavam suas edições antes continuaram a bancá-las quando passei a cuidar da impressão.

3. – Um grande número de editores optou por deixar todo o serviço de divulgação e distribuição sob minha responsabilidade, tanto que tenho em catálogo atualmente cerca de 400 títulos. As vendas dessas edições variaram muito em função de diversos fatores. Uma edição como **A Guerra dos Golfinhos** de Flávio Calazans, como era um trabalho mais conhecido por ter sido parcialmente publicada em revista de banca, vendeu cerca de 40 exemplares. **O Duelo** de Laudo, também um artista conhecido no meio, vendeu cerca de 30 exemplares. O centésimo álbum de Valdir Dâmaso, **Gibizada 100**, por ser uma edição bem especial, vendeu 40 exemplares.



No entanto, a maioria dos fanzines em que o editor, além de ser menos conhecido, deixou a venda exclusivamente na dependência da divulgação do Informativo, teve baixa venda, em torno de 5 exemplares, às vezes menos. Ocasionalmente alguma edição, nestas condições de divulgação padrão, vendeu um pouco mais, como o **Será o Benedito?**, que vendeu 15 exemplares por ser dedicado ao artista Bené Nascimento, cujo trabalho para editoras americanas teve repercussão na mídia.

Há dois aspectos a serem analisados. Em primeiro lugar, o aspecto do volume de vendas. O fato de um fanzine ser divulgado apenas no Informativo, em meio a cerca de uma centena de outras edições, diminui suas possibilidades de interessar ao leitor se comparado com uma mala direta exclusiva para a edição. Uma solução é o editor, mesmo deixando a distribuição de seu fanzine a meu encargo, fazer ele também uma divulgação exclusiva de sua edição. Uma alternativa foi o que fez Adilson Oliveira, co-autor da edição **A Última Cliente**, que conseguiu um patrocínio para a impressão de 300 exemplares do fanzine. Esta queda nas vendas pôde ser observada com clareza nos álbuns editados por Valdir Dâmaso. Valdir passou para minha responsabilidade a distribuição de todos seus álbuns de quadrinhos antigos, mais de uma centena de álbuns de mais de 100 páginas. Até o final de 1992, Valdir fazia tiragens em torno de 40 exemplares, o máximo tendo sido 60 exemplares. Ao passar a distribuição para mim, os primeiros álbuns já ficaram na casa de pouco mais de 30 exemplares.

Este número caiu ainda mais, só voltando a casa do 40 em edições especiais como o **Gibizada 100**. É provável que alguns leitores tenham aproveitado a mudança de distribuidor para deixar de adquirir os álbuns pois seus preços não são muito baratos (de R\$10,00 a R\$15,00). O outro aspecto é o da troca de correspondências entre o editor e os leitores, que é uma das principais características dos fanzines. O fato de um fanzine ser distribuído por mim prejudica esta relação pois o leitor perde aquele contato direto com o editor. Esta situação pode ser, pelo menos em parte, contornada se o editor fizer um esforço para manter esse contato.

4. – A ideia de minisséries pareceu uma boa solução para conciliar a quantidade de páginas de uma HQ e o preço. Um autor que quisesse realizar um trabalho maior, bem desenvolvido, poderia publicá-lo na forma de uma minissérie de modo que cada edição não ficasse cara ao leitor. Foi a forma imaginada de tornar acessíveis trabalhos de maior envergadura. Para o leitor que desejasse todo o trabalho numa única edição, haveria a opção do álbum completo encadernado. Curiosamente a maioria dos leitores que se interessou pelas diversas minisséries co-editadas por mim, preferiu adquirir a edição encadernada, mesmo em trabalhos do porte do livro **Rubens Lucchetti & Nico Rosso**, de 312 páginas, a um custo da ordem de R\$ 30,00.

Outra questão é a da padronização do formato. Na verdade esta padronização existe sempre quando o editor vai tirar suas cópias pois há um número muito pequeno de opções nas cópias oferecidas pelas casas copiadoras. Eventualmente alguma faz cópias em papel maior ou em papel colorido ou de maior gramatura. Se o editor quiser fazer coisas diferentes terá que bancar sua iniciativa. Foi o que fez Manoel Dama que quis a capa de um livro seu em preparação feita em papel colorset vinho. Ele enviou o papel pelo correio, fiz as cópias e devolvi.

5. – O objetivo principal com o **Informativo de Quadrinhos Independentes** e os projetos relacionados foi tentar descobrir os leitores interessados em fanzines. Este número parece ter estacionado na casa dos 500 leitores. Na verdade, a cada número do **IQI** aparecem cerca de 50 novos leitores, no entanto, outros 50 deixam de manter contato, de modo que o número resultante altera-se pouco em torno de 500. Isto parece ser o que é possível numa iniciativa com poucos recursos como é o **IQI**, um fanzine simples, pequeno, em preto e branco, e sem qualquer propaganda além daquela conseguida no próprio meio independente. Fica difícil prever se uma iniciativa em grande escala com a edição de uma revista colorida e o sorteio de um automóvel a cada trimestre teria um melhor resultado.

## 5. CONCLUSÃO.

Os projetos relacionados a quadrinhos independentes implementados por mim no final de 1992, embora tenham alguns problemas inerentes às propostas, conseguiu uma boa repercussão dentro do meio, o que pode ser inferido pelo fato de ter ganhado o Prêmio Jayme Cortez por quatro vezes consecutivas, prêmio este dado pela Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas de São Paulo segundo a votação de pessoas interessadas em quadrinhos brasileiros.

A tentativa de realizar um empreendimento comercial que sustentasse a si próprio não deu resultado em sua totalidade. Ainda há uma parcela significativa dos custos que não é amortizada pela receita obtida com a venda dos fanzines.

Também não se obteve sucesso em se atingir um número maior de leitores fora do circuito independente, até o momento. Esta é uma tentativa que ainda está sendo feita.

De qualquer forma, as expectativas em relação a estes projetos sempre foram realistas, e são experiências que ainda não chegaram ao fim, estão em andamento. Esta avaliação, neste momento, cumpre a função de permitir uma reflexão sobre o que foi feito e uma possível reformulação do que se está para fazer, além de eventualmente poder servir de subsídios a outras pessoas que ousem se aventurar pela produção independente.

### NOTA:

Uma curiosidade. Durante o XX Congresso do Intercom, em que apresentei o artigo acima, também apresentei um livro, editado por mim, dentro de meu projeto de Edição, com todos os artigos apresentados no Grupo de Trabalho Humor e Quadrinhos no Congresso da Intercom do ano anterior. Com o título **Humor e Quadrinhos no Intercom 96**, podia ser encomendado sob pedido. Não houve interesse.

Mesmo assim, nas duas edições seguintes do Congresso, montei as edições **Intercom 1998** e **Intercom 1999**, compilando os artigos do Grupo de Trabalho Humor e Quadrinhos, mas novamente não houve interesse dos participantes. Essas duas edições nem cheguei a divulgar no QI.



### HUMOR E QUADRINHOS NO INTERCOM 96



# CARO LEITOR

A partir do próximo número, o **Informativo de Quadrinhos Independentes** trará algumas modificações. A primeira é que o nome passará a ser só **Quadrinhos Independentes** continuando o destaque para as letras **QI**.

Outra modificação é que passará a ter capa, para tornar a edição mais parecida com um fanzine normal. Muito provavelmente a capa terá uma cor a mais e será em papel mais grosso.

Também o número de páginas passará a ser maior, em média 24 páginas por edição. O espaço para HQs aumentará pois passarei a incluir algumas séries de histórias de 8 páginas escritas por mim. No próximo número sairá o primeiro episódio de 'Calvo', ilustrada por Luigi Rocco.

O preço aumentará:

**PARA RECEBER O PRÓXIMO NÚMERO, ACUSE  
O RECEBIMENTO DESTA, ENVIANDO 5 SELOS  
DE 1º PORTE NÃO COMERCIAL (R\$ 0,22)  
OU UMA NOTA DE R\$ 1,00 CAMUFLADA.**

O Formato continuará o mesmo, meio ofício, para não encarecer a edição. Uma rápida consulta em orçamentos para formatos maiores como o americano ou o magazine mostrou sua inviabilidade.

A divulgação maciça de fanzines e edições independentes continuará nos mesmos moldes. A divulgação básica em que cada página contém cerca de 8 edições divulgadas continuará gratuita. Mas será aberta a possibilidade para o editor que quiser uma divulgação um pouco maior, no tamanho correspondente a 1/4 de página meio ofício. Neste caso, a divulgação custará R\$ 8,00. Este espaço de 1/4 de página poderá conter qualquer outro tipo de anúncio. Também há a possibilidade de um anúncio (ou divulgação de fanzine) de 1/2 página meio ofício, este custará R\$ 15,00. O anúncio de página inteira continuará custando R\$ 30,00. Em qualquer um dos três casos, o anúncio (ou a divulgação) deve ser enviado pronto. No caso da divulgação de fanzine, o espaço de 1/4 de página (ou em meia página ou página inteira), o próprio editor escreve o texto de divulgação e coloca a redução da capa, enviando o anúncio pronto.

O **QI** continuará aberto à participação do leitor que estiver disposto a arcar com o custo de impressão de sua colaboração. Essa é uma maneira de permitir que outros autores possam se expressar em suas páginas. Para participar, basta enviar a colaboração (HQ, cartum, artigo etc.) no tamanho da página meio ofício (espaço útil de 145x200mm), já pronta (no caso de texto, a página deve vir datilografada e montada). No caso da colaboração, o preço da página meio ofício é R\$ 15,00.

A coluna do Worney, com textos sobre a HQ nacional continuará, e terá algumas novidades. Neste número do **IQI** já há uma proposta de debate que, dependendo da resposta dos leitores, começará a ser publicado já no próximo número.

Agora é esperar para ver se as modificações serão do agrado dos leitores.

Texto publicado no **IQI** 40 (set/out/1999).

*EDGARD COIMBRAES*

# EDGARD GUIMARÃES – PROJETOS

No final de 1992, decidi implementar diversos serviços relacionados a fanzines, em parte como consequência do intenso debate sobre as possibilidades dos fanzines ocorrido alguns anos antes através, principalmente, de **PolítiQua** de José Carlos Ribeiro, **Nhô Quim** de Henrique Magalhães e **Opinião** de Paulo Ricardo Montenegro.

O primeiro serviço que implementei foi o de **Impressão**. Já no final de 1992 adquiri uma máquina copiadora para fazer a impressão de fanzines para editores que não tivessem acesso fácil a este recurso. O ponto central de meus projetos foi justamente oferecer aos editores o recurso de impressão, com boa qualidade gráfica e a preços compatíveis com o mercado. Ou seja, este serviço de impressão precisava ser economicamente viável para poder se sustentar sozinho e viabilizar os demais serviços.

Logo em janeiro de 1993 saiu o nº 0 do **Informativo de Quadrinhos Independentes** dedicado a divulgar toda edição independente de Quadrinhos. Este era o serviço de **Divulgação**, e o Informativo tem sido publicado bimestralmente até o momento, agora com o nome de **QI** e trazendo outras seções.

Simultaneamente foi oferecido o serviço de **Distribuição**, alguns editores poderiam deixar seus fanzines comigo para que eu distribuisse, ou seja, divulgava no Informativo com o meu endereço, recebia os pedidos dos interessados, fazia a cópia, e enviava aos leitores.

Um pouco semelhante a este serviço, foi oferecido também o serviço de **Edição**. Neste caso, mais voltado a álbuns e minisséries, o autor me enviava a HQ e eu montava a edição.

Por último, mas também simultaneamente, ofereci o serviço de **Cadastramento**, ou seja, oferecer aos editores interessados uma base de dados com endereços de leitores de fanzines e quadrinhos brasileiros. Este Cadastro era a própria mala direta do Informativo.

Agora, oito anos depois da implementação desses projetos, é hora de uma reavaliação, verificar o que funcionou e o que não funcionou, e definir como será daqui para frente.

O serviço de **Edição** durou pouco tempo. Logo ficou claro que os demais serviços não me deixavam tempo para montar os álbuns e minisséries, então o serviço só estava disponível se o autor enviasse as edições já montadas, ou seja, ficou igual ao serviço de **Impressão**. Mesmo assim, diversos álbuns e minisséries foram lançados, como **A Guerra dos Golfinhos** de Flávio Calazans, **O Batedor** de César Ricardo, **O Duelo** de Laudo, **O Predador** de Carlos Fernando, **O Mosteiro** de Jean Nay e Fabrício da Silva, **Homo Eternus** de Gazy Andraus, **Velta** de Emir Ribeiro, **Contos** de Daniel HDR, **Sinfonia da Essência** de Edgar Franco, **O Cobrador** de José Carlos Neves etc.

O serviço de **Impressão**, na sua forma original, ou seja, o editor me enviar o fanzine pelo correio para eu fazer somente as cópias e devolver também pelo correio, foi pouco usado. De modo geral, os editores preferiram ou fazer as cópias em suas próprias cidades ou deixar todo o serviço de distribuição comigo. Mesmo assim, editores como Henry Jaepelt, Carlos Fernando, Manoel Dama, Itamar Pessoa, entre outros, usaram este serviço. Adilson Costa conseguiu um patrocínio e encomendou 300 exemplares de seu fanzine **A Última Cliente**. José Magnago, editor de **O Castelo de Recordações**, tem usado este serviço até hoje, de uma forma um pouco diferente. Ele encomenda as cópias e envia os endereços de seus leitores para que eu mande as edições prontas diretamente a eles. Só do Magnago, foram mais de 50 edições até o momento.

O serviço de **Distribuição** alcançou relativo sucesso. Diversos editores acharam conveniente deixar seu fanzine para que eu fizesse todo o trabalho de divulgar, atender pedidos, imprimir e enviar ao leitor. Até o momento, há em catálogo quase 500 edições. Só do Valdir Dâmaso, são cerca de 170 álbuns de HQs nostálgicas, cada um com cerca de 100 a 150 páginas.

Além disso, merecem destaque os 21 números de **Fã-Zine** de Eduardo Cimó, que incluem duas edições/dicionários de 250 páginas cada, sobre personagens brasileiros de quadrinhos; e os fanzines de ficção científica de Roberto Causo, principalmente a coleção **Biblioteca Essencial da Ficção Científica Brasileira**. Da parte do leitor, no entanto, a procura por essas edições sempre foi muito pequena.

O serviço de **Cadastramento** não atingiu a meta esperada. O objetivo de criar um banco de dados cada vez maior com nomes e endereços de leitores interessados em fanzines não foi alcançado. Infelizmente o número de leitores estagnou em cerca de 600 desde o início. Se por um lado, novas pessoas procuram contato, por outro, um número equivalente deixa de dar notícia. Mesmo assim, o banco de dados que mantenho diversas vezes serviu a editores e organizadores de eventos relacionados a HQs e fanzines.

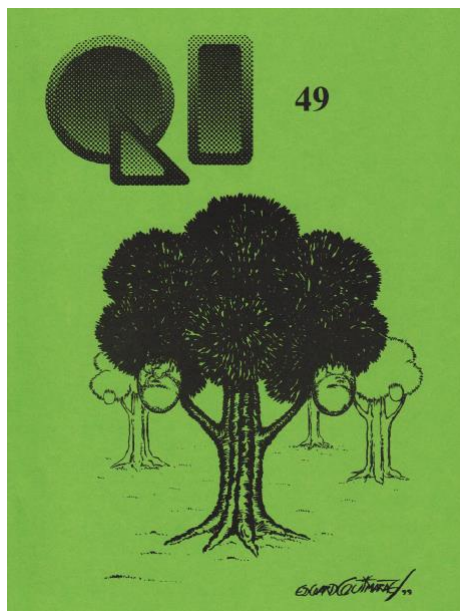
O serviço de **Divulgação** foi o que deu os melhores resultados. O **QI** tem saído bimestralmente desde janeiro de 1993, atualmente divulgando, a cada dois meses, cerca de 90 edições de quadrinhos e mais cerca de 50 edições de outros temas. A boa receptividade do **QI** pode ser verificada pelo fato de ter recebido o troféu Angelo Agostini na categoria ‘Melhor Fanzine’ por 5 vezes.

Levando em consideração tudo o que foi dito, e depois de refletir muito sobre o assunto, decidi manter os serviços de **Impressão, Edição, Cadastramento e Distribuição** somente até o final deste ano de 2001. A partir de janeiro de 2002, não estarão mais disponíveis. O serviço de **Divulgação**, ou seja, a publicação do **QI**, eu mantereí enquanto for possível e houver boa resposta dos leitores.

Embora a receptividade aos serviços implementados, de modo geral, não tenha sido ruim, o fato principal é que a procura das edições oferecidas foi muito pequena, o que significa um volume de cópias muito baixo, insuficiente para tornar viável a manutenção de uma máquina copiadora. Essas máquinas, que sempre foram caras, atualmente estão mais caras. Os serviços de manutenção, que nunca foram bons, agora estão piores. E as peças de reposição de qualidade cada vez pior. Assim, o objetivo de criar uma estrutura de impressão, edição e distribuição de fanzines que se sustentasse economicamente não foi alcançado. Desde o começo, mas principalmente desde o Plano Real, onde decidi manter o preço de cópia em R\$ 0,10, e sem aumento até hoje, uma parte significativa desses serviços foi subsidiada por mim.

A partir de janeiro de 2002 continuarei apenas com o **QI**, que também é quase totalmente subsidiado por mim, e que foi o aspecto de meus projetos que obteve melhores resultados. Aproveito para agradecer a todos que me apoiaram e incentivaram nesses quase 9 anos de atividades.

Texto publicado no **QI 49** (mar/abr/2001).



EDUARDO CIMO

# COMENTÁRIOS ADICIONAIS E MAIS MUDANÇAS

Diversos leitores escreveram lamentando o cancelamento de meus serviços de *Edição, Impressão, Distribuição e Cadastramento*. Acho que cabem alguns comentários adicionais.

Quando implementei estes serviços no final de 1992 eu tinha consciência de que, em parte, iam contra o espírito dos fanzines, ou seja, o de publicações amadoras feitas e distribuídas pelos próprios autores/editores para um grupo relativamente pequeno de amigos. Mesmo assim, achei que trariam benefícios que compensariam suas desvantagens, principalmente para os editores que tivessem dificuldades em conseguir boas cópias ou que quisessem se livrar das partes menos criativas do processo (como montagem dos exemplares, grampeagem, postagem etc.).

E, de fato, trouxeram. Na época, o Valdir Dâmaso estava pensando em parar de editar seus álbuns, por diversos motivos. A implementação de meus projetos permitiu que ele continuasse e produzisse mais de uma centena de novos álbuns.

O José Magnago, que até então não havia se arriscado a editar, iniciou-se na atividade e hoje tem em seu currículo mais de 50 edições. Além disso, algumas belas obras dos quadrinhos nacionais que não encontravam editora interessada, como **A Guerra dos Golfinhos** de Flávio Calazans, **O Duelo** de Laudo, e a minissérie **Velta** de Emir Ribeiro, puderam finalmente chegar aos leitores interessados.

Não há dúvida de que esses serviços que mantive desde 1993 foram úteis a muitas pessoas, editores e leitores. Mas o cancelamento não é um fato a lamentar. Pelo contrário. A situação hoje é distinta da de 9 anos atrás. Hoje não é mais tão difícil encontrar casas copiadoras que têm boa qualidade de cópia e preços razoáveis. Mas o ponto principal é que os editores, em sua grande maioria, não precisam dos serviços que eu oferecia, ou seja, a grande maioria tem feito todo o trabalho de edição, impressão e distribuição por conta própria. Apenas alguns poucos editores estavam usando esses serviços. Na verdade, isso é muito bom, o meio alternativo se virou por si próprio e não ficou na dependência de uma única pessoa. E não está em declínio, como imaginaram alguns leitores na ‘Seção de Cartas’, mas continua em ebulição como mostra o número de fanzines divulgados neste **QI**. É claro que me preocupei com os editores que ainda usavam os meus serviços de impressão e distribuição. Mas aí também a situação é animadora. O Valdir Dâmaso está a todo vapor produzindo, em parceria com Oscar Kern, a bela coleção **Confraria dos Dinossauros**. Roberto Causo continua por conta própria com sua **Fábrica de Fanzines**. O José Magnago tem um círculo de leitores bem estabelecido e certamente continuará editando por conta própria suas várias séries. Portanto, o cancelamento de meus serviços tem, talvez, um único ponto a ser lamentado. O de que não conseguiu criar um mercado de edições independentes com um número significativo de leitores que permitisse a publicação de edições de maiores tiragens. E isso tem a ver com a própria tiragem do **QI** e com seus objetivos.

O serviço de **Divulgação** através do **QI** foi o único que decidi manter pois foi o que se mostrou mais útil. Pretendia mantê-lo no formato atual até o fim do ano, mas o atraso deste número me mostrou que mudanças devem ser feitas a partir do próximo número. A reformulação que fiz no **QI** a partir do nº 41, aumentando número de páginas, colocando capa, novas seções, melhorando a parte gráfica, e passando a cobrar o preço de R\$ 1,00, foi uma tentativa de aumentar o número de leitores. Não funcionou. O número de leitores permanece entre 600 e 700, que é um número baixo quando se trata de impressão em off-set, o que faz o custo unitário ser alto. Além disso, embora o preço do **QI** já seja subsidiado, o número de leitores que envia o R\$ 1,00 não é grande. Assim, o **QI** tem dois grandes problemas. O custo de impressão e postagem e o tempo que levo para redigir todas as resenhas de divulgação com as capas reduzidas. O fato de eu não ter conseguido fazer este número no prazo, mais o recente aumento das tarifas postais, me fizeram decidir fazer já nova mudança no **QI**.

Mantereí o espaço para divulgação de todos os fanzines que eu receber, pois este foi o objetivo primeiro do **IQI**, quando lançado, mas não escreverei mais as resenhas com discriminação do conteúdo de cada edição, pois isso é extremamente trabalhoso e o responsável maior pelos atrasos, nem colocarei a redução das capas. Será uma divulgação bem simples, com título, nome do editor, endereço, data, assunto. Com isso, o número de páginas do **QI** diminuirá, o que resolve em parte o problema de seu alto custo. A seção ‘Intercâmbio’, que não decolou, ficará integrada à ‘Seção de Cartas’, onde também continuarão as discussões sobre os assuntos de interesse dos editores e leitores. A inclusão de colaboração paga sempre soou meio estranha a alguns (“Ainda por cima ter que pagar para publicar?”). Na verdade, trata-se do que chamo “sistema cooperativo informal”. Em cooperativa, pessoas se juntam para realizar algo, cada um entrando com uma parcela dos custos e do trabalho. No caso do **QI**, o colaborador só entrava com o custo de sua página e todo o restante do trabalho era feito por mim. Esta iniciativa também não sensibilizou muita gente, e ultimamente este espaço estava sendo pouco utilizado, portanto, também está sendo extinto.

Os anúncios continuarão sendo aceitos e os preços são:

1 página (140x184mm)	R\$ 48,00
1/2 página (140x90mm)	R\$ 24,00
1/2 página (68x184mm)	R\$ 24,00
1/4 página (68x90mm)	R\$ 12,00
1/8 página (68x43mm)	R\$ 6,00

Este último tamanho de anúncio é um meio relativamente barato do editor publicar a capa e uma pequena resenha de sua edição num espaço equivalente ao usado no **QI** até esta edição.

Embora o número de páginas total do **QI** vá diminuir, o espaço para cartas/debates deve aumentar, como neste número.

Aguardo comentários e sugestões.

Texto publicado no **QI** 50 (mai/jun/2001).



**EDGARD QUIMARÃES**

# O FIM DO QI

Há algum tempo deixei escapar que pretendia fazer o **QI** apenas até o número 100, isso se conseguisse chegar até este número. Houve uma repercussão inesperada a este meu comentário e muitos leitores acharam por bem se manifestar a respeito. Evitei eu mesmo fazer comentários para não colocar mais fogo. Como agora estão faltando apenas dois números para esta meta, julgo que é apropriado tratar do assunto de maneira esclarecedora.

Primeiro, é bom lembrar a circunstância em que se deu o lançamento do **QI** (então denominado **Informativo de Quadrinhos Independentes**). Eu já estava envolvido com os fanzines desde 1979, lançando meu primeiro título, o **PSIU**, em 1982. Saíram apenas três números deste fanzine e no final de década de 1980 decidi organizar edições especiais em vez de um título regular. Assim, vieram à luz as edições **PSIU Mudo**, **Deus** e **Eco Lógico**, todos reunindo um número considerável dos autores atuantes na época. **Deus** foi um livro de 270 páginas. **Eco Lógico** foi um álbum em tamanho gigante com meia centena de pranchas soltas. Estas edições tiveram uma aceitação bastante boa de quem as conheceu ou participou delas, mas, devido ao preço, uma difusão pequena entre os leitores.

Na época estava bem intensa a discussão sobre que soluções adotar para resolver os problemas de impressão, divulgação e distribuição de edições independentes. Partindo dessa intensa reflexão sobre o assunto, decidi implantar um projeto amplo relacionado aos fanzines. Assim, a partir de final de 1992, me propus a prestar serviço de **Impressão, Edição, Divulgação e Distribuição** de edições a quem estivesse interessado em deixar estes serviços a meu encargo. Durante 9 anos mantive esses serviços, chegando a ter um catálogo de mais de 500 títulos, desde edições mais simples em meio ofício e poucas páginas até volumes de mais de 300 páginas.

Um dos sustentáculos desse projeto era o **Informativo de Quadrinhos Independentes**, cujo objetivo era divulgar toda edição independente, principalmente as de HQs, que eu tivesse conhecimento. A meta maior do Informativo era criar um grande banco de dados de pessoas interessadas em quadrinhos brasileiros independentes, de modo que cada novo lançamento feito por qualquer editor alternativo pudesse chegar ao conhecimento desse leitor interessado. O custo de impressão e distribuição do Informativo seria bancado pelos outros serviços, de impressão e venda de edições, por isso o Informativo era inicialmente gratuito.

O sistema todo funcionou durante vários anos, mas não atingiu um número de leitores suficientemente grande, com um volume de vendas que tornasse a iniciativa viável. Chegou a haver cerca de 700 pessoas mantendo contato, mas um número menor de compradores efetivos. Devido ao alto custo do projeto e o retorno econômico insuficiente, encerrei as atividades de impressão e distribuição de fanzines de outros editores no final de 2001. Mantive apenas o Informativo, na época já rebatizado como **QI**, e já com o formato atual (capa, número maior de páginas com conteúdo mais diversificado).

Desde o nº 41 do **QI**, de nov/dez de 1999, quando houve a citada reformulação, foi instituído um preço de R\$ 1,00 para cada edição. Embora este valor de R\$ 1,00 desse para cobrir os custos de impressão e postagem, como sempre enviei o fanzine a um número bem maior de leitores do que os que efetivamente enviavam o pagamento, pode-se dizer que o **QI** foi sempre subsidiado.

Nestes 10 anos em que o **QI** foi cobrado, mantive o preço de R\$ 1,00, sem reajuste, ainda que “o País sem Inflação” só exista nos discursos dos políticos. Apenas para se ter uma ideia, em julho de 1999, o selo de 1º porte custava R\$ 0,22, hoje custa R\$ 0,65, ou seja, praticamente TRÊS VEZES MAIS. E se compararmos com o valor do selo de 1º porte de janeiro de 1995 (R\$ 0,12), então o aumento foi de MAIS DE CINCO VEZES.

Mantive o preço do **QI** inalterado, arcando com boa parcela dos custos de impressão e envio, para deixá-lo mais acessível ao leitor, e assim dar uma pequena contribuição para a difusão de informações sobre edições independentes.

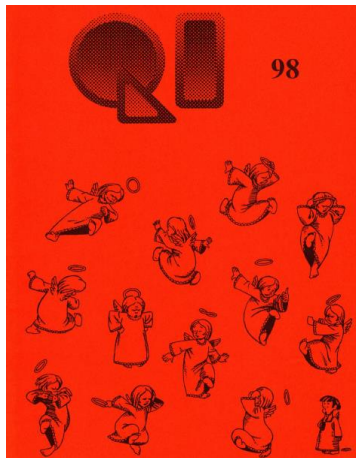
O encerramento do **QI**, neste formato em que é atualmente editado, tem várias razões. A principal é que este referido aumento dos custos de produção e envio não teve contrapartida na parte financiadora, ou seja, no meu salário. Desde o Plano Real, o aumento do funcionário público, categoria a que pertencço, teve reajustes salariais ínfimos. Assim, ao longo do tempo perdi a capacidade de arcar com os custos do **QI** nas condições em que o fazia. Já há algum tempo que a produção do **QI** tem exigido sacrifício financeiro de minha parte, mas tenho insistido pelo ideal de chegar ao centésimo número sem mudar as características da publicação.

Outro motivo para o encerramento do **QI** como uma publicação de serviço ao leitor é que o interesse pelo fanzine tem diminuído sistematicamente. Inicialmente com uma tiragem de 500 exemplares, chegou a um máximo de 700 leitores e hoje não ultrapassa 250. Este é um valor muito baixo para uma publicação feita em off-set. Na verdade, a tiragem ideal seria por volta de 2000 exemplares, meta que ficou longe de ser alcançada.

Por outro lado, e aí é o lado bom, a divulgação de fanzines, que sempre foi o objetivo principal do **QI**, atualmente está bem mais intensa, principalmente na internet, com vários sítios dedicados a edições independentes. E não só para divulgação, mas também para venda de publicações de editores variados. São várias iniciativas muito importantes que substituem com vantagem as propostas do **QI**. É claro que a internet tem a desvantagem de ter um alcance menor do que o correio, mas esta é uma situação que a cada dia se torna menos crítica. Atualmente os colecionadores de gibis que querem completar suas coleções têm que se aventurar pelo mundo dos sítios de venda e as listas de revistas enviadas por e-mail, pois praticamente nenhum vendedor faz mais listas impressas. O mesmo deve ocorrer com o leitor que quiser ser informado sobre edições independentes – terá que buscar acesso à internet. Portanto, o papel do **QI** como divulgador de fanzines já foi cumprido. E esta era a parte mais trabalhosa e desgastante na produção do **QI**, fazer a seção ‘Edições Independentes’, com a mais de uma centena de resenhas de edições recebidas durante um bimestre.

O que justificaria a continuação do **QI** além do nº 100 como veículo impresso para um número mais reduzido de leitores? O **QI**, principalmente depois da reformulação de 1999, passou a ter outros interesses além da divulgação de fanzines. A seção ‘Fórum’ com constantes debates entre os leitores tem sido muito apreciada. Além disso, em menor escala, há a publicação de HQs variadas e artigos sobre quadrinhos, escritos principalmente pelo Worney e por mim. Acredito que uma publicação que mantenha um debate intenso sobre assuntos de interesse do leitor, com o incremento e diversificação de HQs de autores independentes e com um conjunto maior de textos analíticos possa atrair um número de leitores que justifique sua publicação. Tenho refletido muito sobre como deve ser o **QI** a partir do nº 101 e ainda estou decidindo como será o novo formato da publicação. Pretendo no nº 100 colocar um texto informando todos os leitores sobre o resultado dessas reflexões.

Texto publicado no **QI** 98 (mai/jun/2009).



EDGARD COUTINHO

## O FIM DO QI (2)

Como já foi esclarecido no texto publicado na edição anterior, pretendo iniciar uma nova fase do **QI** a partir do nº 101. Embora eu tivesse prometido um texto com todos os detalhes para o nº 100, vou adiantar já o que já está definido. Se eu fosse seguir rigorosamente a periodicidade bimestral, que foi mantida desde o nº 0 de janeiro/fevereiro de 1993, o nº 101 corresponderia a novembro/dezembro de 2009. Para iniciar a nova fase em janeiro de 2010, estou fazendo os nºs 99 e 100 corresponderem aos trimestres julho/agosto/setembro e outubro/novembro/dezembro, respectivamente.

Minha intenção primeira é mudar o mínimo possível, para que a publicação não se descaracterize e continue sendo o **QI**. Senão, seria o caso de parar mesmo e começar outra coisa. Houve várias sugestões de migrar para a internet, isto não é algo que eu mantenha fora de cogitação, mas não faz parte desta atual reformulação. Por um motivo simples: minha intenção é fazer publicação REAL e não VIRTUAL. Ainda voltarei ao assunto das vantagens e desvantagens da internet, mas em outra ocasião.

A primeira mudança é que a forma de impressão não será mais em off-set, que exige tiragens maiores para que o custo unitário caia. Atualmente, a impressão digital, que é a mesma coisa que a impressão xerográfica, apenas automatizada, possui um custo bastante razoável para tiragens relativamente pequenas. No caso da qualidade de impressão, sempre achei as cópias das máquinas xerográficas atuais superiores à impressão off-set comum. Por isso, a nova fase do **QI** ganhará em qualidade gráfica. A impressão digital tem ainda uma vantagem: existe apenas uma transferência de imagem no processo. Ou seja, a imagem gravada no arquivo digital vai direto para o papel através do sistema de impressão da copiadora. No off-set, eu faço uma impressão em papel vegetal, cuja imagem é transferida para uma chapa e depois para o papel. Em cada transferência ocorre degeneração da imagem. Portanto, esta primeira mudança trará benefício ao leitor, que receberá uma publicação de melhor qualidade gráfica. Há um primeiro inconveniente para o leitor. Até o momento, com a impressão em off-set, o número de exemplares feitos é maior do que o enviado, portanto, possuo exemplares dos números anteriores para atender a pedidos atrasados. Com a impressão digital, a partir do nº 101, farei apenas o número de exemplares previamente encomendados, ou seja, não haverá sobra para atender futuramente novos leitores. Isso para que o custo fique mais baixo e o preço para os leitores atuais seja o menor possível.

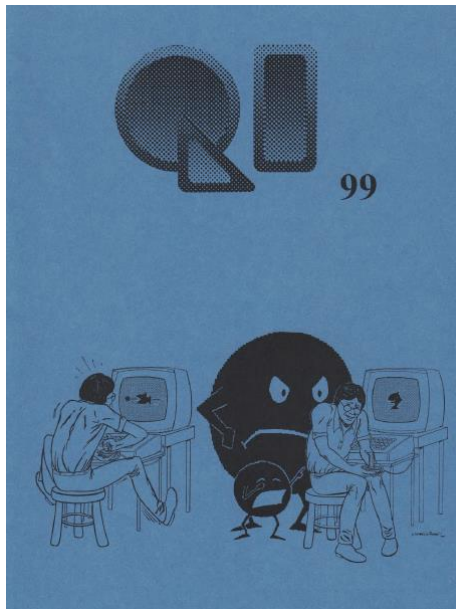
Por uma questão de comodidade, para mim e também para o leitor, adotarei o sistema de assinatura anual. Ou seja, o leitor faz a reserva antecipada dos 6 números correspondentes ao ano, reduzindo a questão contábil ao mínimo, além de facilitar o modo de pagamento. No próximo número, informarei o valor da assinatura anual, para os números 101 a 106. Os leitores que decidirem prestigiar a nova fase do **QI** poderão fazer a assinatura com pagamento nas formas habituais (cheque, selos, cédula escondida ou, o mais prático, depósito bancário) e o **QI** será impresso durante o ano na quantidade exata do número de leitores. Eu sempre tive um certo receio em adotar o método de assinatura, receber pagamento e depois não conseguir cumprir o prometido. Mas tenho feito o **QI** durante 17 anos com periodicidade bimestral (com alguma oscilação nada séria), portanto acho que dá para assumir o compromisso.

Atualmente vários editores me enviam suas publicações graciosamente em troca da divulgação e do exemplar do **QI** que envio posteriormente. Com a impressão do **QI** exclusivamente para os assinantes, não poderei manter o sistema de troca de edições. No entanto, continuo interessado em toda edição independente lançada e farei a aquisição de todo exemplar que eu tiver conhecimento. Peço, portanto, aos editores que continuem me mantendo informado de seus lançamentos para que eu possa lhes encomendar as edições.

O novo **QI** manterá o formato atual (meio ofício) e as principais seções. Pretendo estabilizar o número de páginas em 28, que é o máximo possível para não ultrapassar 50 gramas. O espaço para colaborações (HQs e artigos) deve aumentar e o preço dos anúncios deve diminuir, pois a ideia é que o custo de impressão e postagem seja pago pelo assinante. Aqui caberá avaliação futura, se a presença de anúncio pago conseguirá fazer o preço da assinatura diminuir.

A principal mudança no conteúdo do **QI**, como já foi mencionado anteriormente, será a seção de divulgação de edições independentes. Como foi dito, não farei mais a redação dessa seção. Os principais motivos são que essa seção é muito trabalhosa de fazer e a eficiência dela é cada vez menor. Para a divulgação, considero a internet o veículo a ser explorado. Há pelo menos dois sítios atuais, mantidos por Henrique Magalhães e Leonardo Santana, que estão no que considero o caminho certo. Voltarei a este assunto com mais detalhes. Mas a seção 'Edições Independentes' não será extinta. Apenas não me responsabilizarei mais pelas resenhas. Todo editor que quiser divulgar sua publicação no **QI** pode mandar a resenha pronta que colocarei na seção 'Edições Independentes'. A divulgação será gratuita e a única restrição é que tenha o **formato 3 cm de altura e 7 cm de largura**. Com isso o trabalho de fazer a resenha fica a cargo do editor que poderá colocar as informações que achar mais relevantes. Veja abaixo dois exemplos de como as resenhas podem ser feitas. O editor pode me enviar a resenha impressa. A desvantagem da mudança é que só publicarei as resenhas que eu receber, ou seja, o número de edições divulgadas cairá bastante. A vantagem é que o espaço para cada resenha aumentou podendo haver maior detalhamento do conteúdo. Na seção atual são divulgadas 18 edições por página, com a reformulação, serão apenas 12 edições por página.

No próximo número, volto aos vários assuntos, esclarecendo o que ainda tiver dúvidas.



### JU & JIGÁ

Coletânea de tiras da série 'Ju & Jigá', produção de Edgard Guimarães para o jornal "Letras e História". A série mostra o relacionamento do tio e da sobrinha numa visão lírica e humorada. Completa o volume um texto detalhando o processo de criação da série. \* n° 14 \* dez/2007 \* 64 pág. \* 140x200mm \* R\$ 10,00 \* **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.



### TIRAS DE LETRA ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA

Coletânea de tiras de 25 autores de todo o Brasil, num total de 243 tiras de humor, organizada por Mário Mastrotti, da Editora Virgo. Trabalhos de Anita, Antonio Eder, Gilmar, Henrique Magalhães, Jodil, Rose Araújo, entre outros. \* 2008 \* 68 pág. \* 140x210mm \* R\$ 10,00 \* a/c **Edgard Guimarães** – R. Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.

Texto publicado no **QI** 99 (jul/set/2009).

**EDGARD GUIMARÃES**

# O FIM DO QI (3)

O **QI**, da forma que foi feito até agora, encerra-se neste centésimo número. Como já antecipei nos textos publicados nos números anteriores, a partir do nº 101, inicia-se nova fase. Para que o primeiro número da nova fase coincida com o bimestre janeiro/fevereiro, os números 99 e 100 do **QI** tiveram que ser trimestrais, depois de quase 17 anos de uma bimestralidade quase católica.

A expressão “nova fase” pode parecer um exagero e talvez seja. Minha intenção é mudar o mínimo possível em relação ao conteúdo para que o leitor que se interessou pela publicação até agora continue interessado.

A seção ‘Fórum’ permanecerá dando mais destaque às cartas mais críticas e analíticas, principalmente as que promoverem debates sobre assuntos relacionados às Histórias em Quadrinhos, como já ocorreu na seção em vários momentos.

Continuará havendo espaço para anúncios pagos, mas as colaborações em forma de HQ ou artigo não terão mais custo, como acontecia até agora. Assim, neste aspecto, a publicação ganhará diversidade. Publicarei as colaborações que receber dentro do limite de espaço que houver. Quanto aos artigos, pretendo eu mesmo escrever sobre vários assuntos que julgo interessantes e que estão na fila há algum tempo.

Em relação ao conteúdo, a principal mudança é que a seção ‘Edições Independentes’ terá outro enfoque. Não mais escreverei as resenhas de divulgação de todas as publicações que eu receber como fiz durante estes 100 números do **QI**. Mas publicarei gratuitamente todas as divulgações que eu receber desde que o editor as envie prontas no **formato 3 cm de altura por 7 cm de largura**, como os modelos abaixo. Haverá um aumento do espaço de divulgação para cada edição, podendo especificar melhor o conteúdo, no entanto o trabalho de compor a divulgação ficará a cargo do editor.



## JU & JIGÁ

Coletânea de tiras da série ‘Ju & Jigá’, produção de Edgard Guimarães para o jornal “Letras e História”. A série mostra o relacionamento do tio e da sobrinha numa visão lírica e humorada. Completa o volume um texto detalhando o processo de criação da série. \* nº 14 \* dez/2007 \* 64 pág. \* 140x200mm \* R\$ 10,00 \* Henrique Magalhães - Av. Maria Elizabeth, 87/407 - João Pessoa - PB - 58045-180.



## TIRAS DE LETRA ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA

Coletânea de tiras de 25 autores de todo o Brasil, num total de 243 tiras de humor, organizada por Mário Mastrotti, da Editora Virgo. Trabalhos de Anita, Antonio Eder, Gilmar, Henrique Magalhães, Jodil, Rose Araújo, entre outros. \* 2008 \* 68 pág. \* 140x210mm \* R\$ 10,00 \* a/c Edgard Guimarães - R. Capitão Gomes, 168 - Brasópolis - MG - 37530-000.

Esta mudança na seção de divulgação não é pouca, afinal este foi o propósito pelo qual o **QI** (originalmente **Informativo de Quadrinhos Independentes**) foi criado. Como já comentei, hoje a divulgação de edições parece ser mais eficiente no meio virtual. O editor que achar produtivo divulgar no **QI** poderá fazê-lo enviando a divulgação pronta na dimensão especificada. Uma vez feito este anúncio, servirá como “flyer” para enviar a outros leitores e editores. O editor pode fazer o anúncio como quiser (tipo de letra, disposição do texto e capa etc.) desde que no formato **3 x 7 cm**. A seção de divulgação não terá mais a uniformidade visual que teve até hoje, mas não acho isso um defeito.

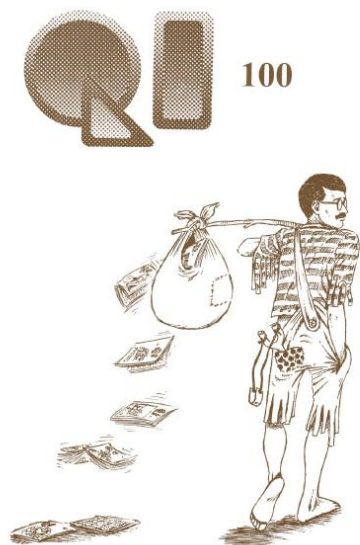
Em relação ao formato, será mantido o meio ofício com 28 páginas no máximo, a capa com papel diferente, mas a impressão não será em off-set e sim impressão digital. Minha expectativa é que a qualidade gráfica não diminuirá, pode até aumentar. O número de páginas não ultrapassará 28 para não exceder o peso de 50g e não aumentar o custo de porte.

Com o uso da impressão digital, o **QI** passará a ser feito sob demanda, ou seja, só será impressa a quantidade correspondente ao número de leitores. Aqui há uma mudança em relação ao modo como era feito. Não haverá mais **QI** avulso para venda ou troca com outros editores. Adotarei o sistema de assinatura anual (6 números com periodicidade bimestral). Outra mudança significativa é que o preço sofrerá o reajuste necessário, não posso mais manter o subsídio que mantive nesses 17 anos do **QI**.

Assim, o leitor que quiser receber o **QI** durante o ano de 2010 (6 números), pode fazer a assinatura até o dia **10 de janeiro**. Basta enviar o pagamento antecipado no valor de **R\$ 20,00** na forma que achar conveniente: cheque nominal, vale postal ou depósito em conta. Meus dados bancários: **Edgard Guimarães – Caixa Econômica Federal – agência 1388 – operação 001 – conta corrente 5836-1**. Quem optar pelo depósito (pode ser feito também em Casa Lotérica) deve me enviar uma cópia do comprovante para melhor controle.

O valor estipulado para a assinatura é o suficiente para cobrir os custos com uma pequena folga, supondo que os aumentos que ocorrerão durante o ano (a chamada INFLAÇÃO ZERO) se mantenham nos níveis dos anos anteriores. Após o dia 10 de janeiro farei a impressão do número 101 na quantidade do número de assinaturas que receber até lá.

Algumas pessoas, como o Henrique Magalhães, têm especulado que eu possa estar planejando novos projetos relacionados aos quadrinhos. Tenho pensado, sim, no assunto, mas nada que se assemelhe a iniciativas como a do próprio Henrique com a editora Marca de Fantasia ou do José Salles com a editora Júpiter II. Minha idéia é somente organizar alguns pequenos livros no mesmo sistema de impressão sob demanda que estou adotando para o **QI**. Ao longo do ano, a edição que eu conseguir organizar eu aviso com antecedência no **QI**, se houver interessados, faço a impressão na quantidade dos pedidos recebidos. Espero já no número 101 do **QI** anunciar a primeira publicação nesse sistema: a compilação em livro da série ‘Entendendo a Linguagem das HQs’. Mas isso ainda depende se haverá aceitação à nova fase do **QI**. Muitos leitores já manifestaram seu apoio à continuação do **QI** com o preço reajustado e com as mudanças anunciadas, então minha expectativa é que esses novos projetos, mesmo modestos, possam ser implementados.



Texto publicado no **QI** 100 (out/dez/2009).

**EDGARD GUIMARÃES**

# O INÍCIO DO QI

Começa neste número uma nova fase do **QI**. Como prometido, pouca mudança na forma e no conteúdo. Uma das mudanças é que a impressão deixou de ser em off-set e passou a ser impressão digital. Acho que haverá melhoria na qualidade, principalmente nos textos que às vezes saíam fracos.

Embora eu tenha refletido muito sobre as mudanças que deveria fazer no **QI**, confesso que deixei passar alguns detalhes. Mas está em tempo de fazer as correções, sem prejuízo para ninguém.

A primeira correção é que eu disse que pararia com a troca entre o **QI** e os fanzines que eu recebesse, mas que eu continuaria interessado em adquirir todos os fanzines que fossem editados. Ora, por um momento eu achei que estava simplificando as coisas ao colocar a questão desse modo, mas me enganei. Na verdade, é bem mais simples manter o sistema de trocas. Em vez de eu enviar o pagamento para o editor que me enviou sua publicação, eu envio um exemplar do **QI**. Em termos financeiros não muda nada para mim, eu iria mesmo enviar o pagamento ao editor, então, em vez disso, eu imprimo um exemplar do **QI** a mais para enviar a este editor. Desse modo, fica bem mais simples e aumenta o número de leitores que receberão o **QI**. É claro, mantereí esse sistema para os editores que desejarem a troca, ou seja, para aqueles editores que até hoje têm desejado receber o **QI** em troca dos fanzines que me enviam. Para os editores que não desejarem a troca, continuo interessado em adquirir seus fanzines. Em suma, nesta questão da troca, continua exatamente como antes.

A segunda correção, bastante relacionada com a primeira, é que eu havia decidido divulgar apenas as edições cujo anúncio eu recebesse pronto, na medida **3 cm de altura por 7 cm de largura**. A razão dessa medida era diminuir meu trabalho com as resenhas das edições recebidas, o que tomava bastante meu tempo. Tinha consciência de que a seção de divulgação ficaria bastante esvaziada, pois imaginei (corretamente) que poucos editores se dariam ao trabalho de mandar a divulgação pronta. Mesmo que esta divulgação ficasse melhor do que a que eu fazia antes no **QI**, já que a área de divulgação é maior e o editor tem liberdade de escrever o que achar mais importante sobre sua publicação. No entanto, ao começar a receber vários fanzines sem a respectiva divulgação, me dei conta de que era do interesse do leitor do **QI** saber de suas existências. Portanto, é necessário que eu inclua na seção 'Edições Independentes', além dos anúncios prontos, uma relação das edições recebidas. Será algo bem mais simples do que eu fazia anteriormente no **QI**. Não farei as resenhas e nem incluirei reprodução da capa, colocarei apenas os títulos recebidos, informações básicas e endereços de contato. Isso será para mim um trabalho bem menor do que eu fazia antes, ou seja, não me sobrecarregará, e o resultado será bom para os editores e os leitores. Os editores que desejarem uma divulgação melhor podem mandar o anúncio.

Com estes dois ajustes na nova fórmula do **QI**, o assinante será beneficiado recebendo mais informação de seu interesse, o editor que me enviar fanzine receberá em troca o **QI** em que for divulgado, e meu trabalho na elaboração da seção 'Edições Independentes' ficará dentro do razoável.

Com a mudança no sistema de venda do **QI**, adotando a assinatura anual com a atualização do preço do fanzine, estava certo de que haveria queda no número de leitores do **QI**, mas sinceramente não tinha ideia de quanto. Tive uma surpresa agradável ao constatar que um bom número de leitores se dispôs a continuar prestigiando o **QI** fazendo sua assinatura. Para facilitar para os leitores, aceitei que a assinatura fosse feita do modo mais conveniente para cada um, incluindo o depósito em conta bancária. E a maioria preferiu esse modo de pagamento. Acontece que desse modo, é preciso que o assinante me envie uma cópia do comprovante de depósito para que eu possa identificá-lo. Imaginei que pudesse ocorrer o caso de algum depósito ser feito em minha conta e eu não receber aviso nenhum do depositante.

E ocorreu algumas vezes. E a questão é que há algumas assinaturas do **QI** que eu não sei quem fez e, portanto, não sei a quem mandar o exemplar. E nem sei como identificar este assinante. Como o pagamento foi feito, mandarei imprimir os exemplares correspondentes e aguardarei até que essas pessoas reclamem. Para que aqueles que se identificaram não fiquem em dúvida, listarei a seguir todos os assinantes que me confirmaram a assinatura:

**Gilmar Lopes Chamizo \* Luiz Antonio Sampaio \* Verônica Silva de Souza \* Jerônimo Fagundes de Souza \* Jackson Farias Teixeira \* Luigi Rocco \* Edyr Souza Carvalho \* Emerson Lino \* Antônio Armando Amaro \* José Salles \* Luiz Cláudio Lopes Faria \* Adilson Orikassa \* Arthur Rocha Vanucci \* Roberto Simoni \* Lio Guerra Bocorny \* Edgar Silveira Franco \* Marcelo Dolabella de Amorim \* Denilson Rosa dos Reis \* Abelardo Souza \* Alaerte Golzenleuchter \* Paulo Yokota \* Elmano Silva \* Gaspar Eli Severino \* Paulo Joubert Alves \* Kenzo Fujimoto \* Edson Gonçalo \* Marcelo Miquelin \* Rodolfo Bertoli \* Gilmar de Almeida Garcia \* Alexandre Yudenitsch \* Henrique Magalhães \* Ruy José Furst Gonçalves \* Cesar Silva \* Leonardo Santana \* Alvimar Pires dos Anjos \* Alberto Teixeira Menezes \* Luciano Freiberger \* Edgar Smaniotto \* Valdir Agostinho de Oliveira \* Agnaldo Antônio de Oliveira \* Alex Sampaio \* Sivanildo Sill \* Sérgio Luiz Franque \* Tony Machado \* Alex Rogério Veronez \* Rafael Pereira de Oliveira \* Luiz Silva \* Joaquim de Assis \* Milton S. Moreira \* Claudio Dilli \* Sebastião Lisboa \* Saulo Dias.**

A listagem acima é uma forma modesta de homenagear os leitores que se empenharam para que o **QI** tenha continuidade nesta nova fase. Se algum leitor que fez o depósito correspondente à assinatura tiver acesso a este número do **QI** e não encontrar seu nome na lista acima, avise-me rapidamente, enviando cópia do recibo de depósito. Seu exemplar está impresso, apenas aguardando que eu saiba a quem enviar.

Para completar as informações sobre o caso, vou listar a seguir os dias em que tive depósito em minha conta e não tive como identificar o depositante: – 9/12 (transferência); 17/12 (Doc); 21/12 (depósito em loteca); 5/1 (depósito em loteca); 11/1 (transferência); 15/1 (depósito em loteca).

Além dos assinantes mencionados acima e dos que ainda preciso identificar, o **QI** será enviado também a mais de 50 editores que me enviaram suas publicações, pelo sistema de troca. Com isso, a tiragem deste **QI** 101 ficará na casa dos 120 exemplares. É uma boa tiragem, embora menor do que foi até o centésimo número. No entanto, na fase anterior do **QI** eu adotava o critério de continuar mandando o **QI** durante 6 números (equivalente a 1 ano) mesmo ao leitor que não acusava o recebimento neste período. Só então, não havendo nenhum retorno, é que eu retirava o nome da mala direta. Agora, o **QI** será enviado aos assinantes e aos editores que me enviam suas publicações e não haverá excedentes. Assim, considero que uma tiragem na ordem de 120 exemplares ficou acima de minha expectativa.

Texto publicado no **QI** 101 (jan/fev/2010).



**EDGARD COUTINHO**

# O INÍCIO DE EGO

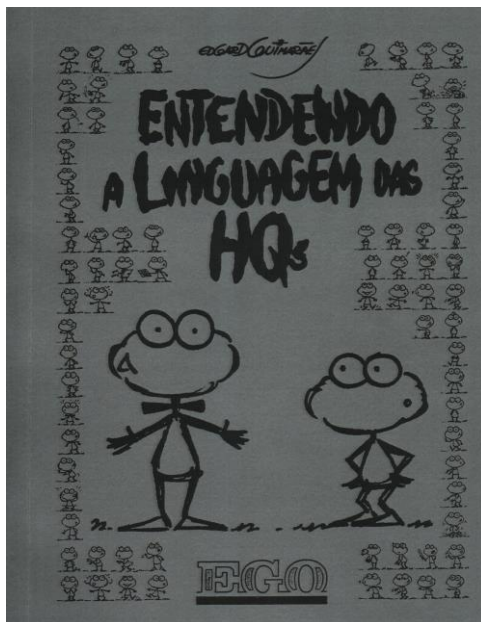
Já há bastante tempo que idealizei a marca EGO para designar minhas publicações, mas nunca cheguei a usá-la. Agora com a reformulação do **QI**, com a utilização do sistema de impressão sob demanda, parece o momento de expandir a ideia para outras publicações. Assim, tentarei organizar algumas edições durante o ano, no formato livro, e usarei a marca EGO para identificá-las.

Adotarei um sistema simples. Primeiro, organizo a edição e, depois que ela estiver pronta, eu anuncio aqui no **QI**. Quem tiver interesse, faz a encomenda e eu faço a impressão da quantidade solicitada. Será, portanto, um livro feito sob demanda, com poucos exemplares excedentes. O primeiro lançamento, neste sistema, como não poderia deixar de ser, é o livro compilando as páginas da série ‘Entendendo a Linguagem das HQs’.

Portanto, está à disposição do leitor interessado o livro **ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQS**, compilando as 60 páginas da série publicadas nos **QIs** 41 a 100, de nov/dez de 1999 a out/nov/dez de 2009. O livro é um curso completo sobre Histórias em Quadrinhos usando a própria linguagem das HQs. Embora faça uso do humor, trata dos temas relacionados às HQs com seriedade e profundidade.

O livro possui 72 páginas no formato 165x210mm e será vendido pelo preço de custo, R\$ 15,00, mais o porte. Portanto, quem tiver interesse, basta enviar o pagamento de **R\$ 17,00** (R\$ 15,00 mais R\$ 2,00 do porte) da forma que achar mais conveniente (cheque nominal, vale postal, grana camuflada ou depósito bancário). Para quem preferir depósito, os dados são: **Edgard José de Faria Guimarães – Caixa Econômica Federal – agência 1388 – operação 001 – conta corrente 5836-1**. O depósito pode ser feito em Casa Lotérica. **Importante:** Quem optar pelo depósito, deve me enviar cópia do recibo de depósito para que eu possa identificar o depositante.

Texto publicado no **QI** 101 (jan/fev/2010).



*EDGARD GUIMARÃES*

# O FIM DOS FANZINES

Henrique Magalhães tocou num ponto muito importante que merece discussão: o decréscimo da publicação de fanzines. O assunto será tratado sob vários aspectos, mas antes é preciso fazer algumas observações. Eu normalmente uso o termo “fanzine” para designar qualquer tipo de publicação amadora. Mas neste texto acompanharei a conceituação usada por Henrique Magalhães, também utilizada por Worney A. Souza na definição das categorias do Prêmio Angelo Agostini. Fanzine, então, é somente a publicação amadora que traz informações sobre determinado assunto, no presente caso, sobre quadrinhos. A publicação amadora que traz Histórias em Quadrinhos produzidas pelos próprios editores e colaboradores fica denominada Revista Independente. A reformulação do **QI** a partir do nº 101 teve como causa a adequação à realidade. E a realidade é que o número de leitores interessados pela publicação estava decrescendo. O **QI** chegou a ter tiragem de 700 exemplares, quando era distribuído gratuitamente. À medida que parte de seus custos começou a ser repassada para o leitor, estes foram diminuindo. Atualmente, com o sistema de assinatura, onde o leitor paga todo o custo de impressão e envio, a tiragem é pouco maior do que 100 exemplares. A consequência imediata disso é que parte dos editores independentes não acha mais vantajoso divulgar suas publicações no **QI**. Eu continuo adquirindo todas as edições independentes de que tenho notícia, mas divulgo no **QI** apenas aquelas que obtenho através do correio. As publicações que consigo adquirir de outras formas, comprando diretamente em eventos ou em livraria virtual, essas eu não divulgo, pois não estou certo de que o editor esteja disposto a atender pedidos pelo correio. Assim, não tem sentido informar o leitor sobre um título que ele não possa adquirir via postal.

Outra consequência negativa da reformulação é que o espaço dedicado a cada título diminuiu. Deixei de incluir na divulgação o texto informando o conteúdo de cada edição. Era um texto pequeno, mas útil. No entanto, mesmo pequeno, dava bastante trabalho produzi-los. Essa simplificação resultou, de fato, na diminuição do espaço total dedicado às edições independentes no **QI**. No entanto, nunca houve, de minha parte, intenção de diminuir a característica de divulgação do **QI**, característica esta que motivou a criação do fanzine em 1992. O encolhimento da divulgação no **QI** decorreu de outras causas, já mencionadas, alheias à minha vontade. E importante: o aumento de textos analíticos e HQs no **QI** não foi responsável pela diminuição do espaço de divulgação. É preciso salientar que, apesar de tudo, continuo divulgando tudo que recebo, por intercâmbio, por aquisição pelo correio, e considero que este espaço no **QI** ainda seja importante. E o número de edições divulgadas continua sendo expressivo, embora menor do que em outras épocas. Para quantificar a questão, vou considerar os 6 números do **QI** publicados em 2011 (**QIs** 107 a 112). Durante este ano foram divulgadas 283 edições, sendo 180 de quadrinhos e 103 de outros assuntos. Não é um número desprezível, embora significativamente menor do que o divulgado em outros tempos, quando uma edição do **QI** chegava a divulgar quase uma centena de edições de quadrinhos. Como analisado, parte dessa diminuição se deve à queda de tiragem do **QI**. Mas é certo que parte deve ser por causa da diminuição do próprio número de títulos publicados. Este aspecto merece detalhamento.

A impressão que se tem é que há atualmente um número grande de edições independentes sendo produzido. E de fato isso ocorre. Um bom indicativo foi o número de edições independentes lançado na última edição do Festival Internacional de Quadrinhos em Belo Horizonte. Uma característica dessas edições é que são produções mais elaboradas, com qualidade gráfica melhor, o que permite que aspirem a sistemas de distribuição mais nobres, como a venda através de livrarias, reais ou virtuais. Essas edições, portanto, não cabem na divulgação que o **QI** faz. Estão num estágio em que o editor já está abrindo mão de fazer ele mesmo a distribuição, esta cabe agora aos distribuidores especializados.

Portanto, há uma parcela da produção independente que não precisa da divulgação feita em fanzines, em particular no **QI**. Então, parte da diminuição do espaço de divulgação do **QI** está aí: edições independentes que já saíram do escopo de divulgação dos fanzines.

Até o momento, não se considerou na análise a influência da internet. Todas essas edições mencionadas são reais, publicações impressas. Embora haja muita gente que tenha optado por fazer publicações virtuais, para visualização direta no site ou na forma de arquivos para download, isso não fez diminuir a vontade de muitos de produzirem revistas e livros impressos. Tanto que esta produção é bastante grande atualmente. Em relação à divulgação dessas publicações impressas, é bastante provável que os editores busquem divulgá-las na internet prioritariamente, devido ao baixo custo. É muito barato enviar releases para os sites e blogs de quadrinhos. Embora não se saiba ainda sobre a eficácia disso. Os frequentadores de sites e blogs efetivamente compram as edições divulgadas? De qualquer forma, o fato dos editores darem preferência à divulgação virtual não tem maior influência na divulgação feita no **QI**, são duas coisas independentes. As edições divulgadas no **QI** são as edições que adquirem ou fazem intercâmbio, portanto, serão divulgadas mesmo que não tenha sido este o propósito do editor.

Agora vem a questão principal: dessas edições independentes de quadrinhos produzidas atualmente em grande escala, quais são Revistas Independentes e quais são Fanzines? Aqui, sim, há uma mudança bastante brusca, que eu não havia me dado conta, cuja ficha só foi cair quando fui preencher a cédula para votação do Angelo Agostini no começo do ano. Ao consultar os números do **QI** de 2011, constatei que o número de Fanzines publicados é assustadoramente baixo. Das 180 edições de quadrinhos divulgadas, 167 são Revistas Independentes e apenas 13 são Fanzines. Praticamente os Fanzines se resumem aos números de **Mocinhos & Bandidos** publicados com regularidade, e aos títulos de José Magnago encabeçados por **O Castelo de Recordações**. No começo do ano saiu ainda um número do **Portal Zine** e no final do ano novo número de **O Quero-Quero**. E de modo geral, estes fanzines não são exclusivos sobre quadrinhos. Então, sim, os Fanzines estão no fim! E a explicação é que montar um blog parece muito mais prático e barato do que fazer uma publicação impressa sobre quadrinhos. Para a finalidade de informar o leitor sobre lançamentos, parece claro que os blogs e sites são mais eficientes. Para os textos mais analíticos, já não tenho certeza. Minha impressão, e eu já havia falado isso, no começo de 2011, em meu depoimento para o Márcio Sno incluído no documentário **Fanzineiros do Século Passado**, é que os Fanzines que sobreviverem serão os que aprofundarem questões relevantes sobre os quadrinhos, os que se tornarem “quase livros” como o **Top! Top!** de Henrique Magalhães. E ainda os que se mantêm como dossiês sobre algum assunto como **O Castelo de Recordações** e **O Quero-Quero**. E certamente as opções para voto na categoria *Fanzine* no Angelo Agostini continuarão restritas.

Texto publicado no **QI** 115 (mai/jun/2012).



EDGARD COUTINHA

# DUAS COISAS

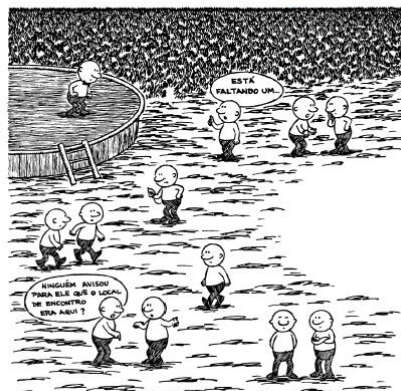
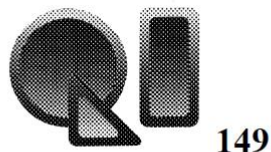
Primeiramente, gostaria de falar sobre o **QI** em 2018. O valor cobrado pela assinatura do **QI** conseguia cobrir mais ou menos os principais gastos de impressão e postagem. Até final de 2016, a gráfica em que fazia a impressão me cobrava 9 centavos por página ofício 2 e não me cobrava a montagem da edição. Com esse preço bastante razoável, eu me arrisquei a fazer encartes dos mais variados tipos, desde a série *Artigos sobre Histórias em Quadrinhos* com textos de Carlos Gonçalves até as *Pequenas Bibliotecas sobre e de Histórias em Quadrinhos*, mais encorpadas, chegando a 80 páginas. Sempre bancando o custo, pois estava dentro de minhas possibilidades. No começo de 2017, a gráfica aumentou o preço da cópia para 11 centavos. Natural que houvesse aumento, pois a inflação de 2016 ultrapassou 10%. Esse preço ainda se manteve dentro de minhas possibilidades. No segundo semestre, porém, a gráfica – imagino – mudou o modo de fazer o cálculo do orçamento, e o resultado é que o custo do **QI** triplicou. Fiz ainda um ou dois números arcando com esse custo maior, só porque estava em cima do prazo e não estava com tempo para procurar outras gráficas. Mas certamente não seria mais possível imprimir o **QI** nesse novo patamar de custo. E assim terminou com essa gráfica uma parceria que havia começado em janeiro de 2000 com o **QI** 42. Com calma fiz orçamentos em outras gráficas, mas não achei nada inferior a 25 centavos a cópia. Com esse preço, passou a compensar eu mesmo imprimir o **QI** em minha impressora laser. Foi o que fiz já no número 148. O custo é maior do que era no preço antigo da gráfica, mas menor do que os preços atuais que tenho achado. A desvantagem é que me dá bastante trabalho. A vantagem é que a qualidade gráfica é a melhor possível. A má notícia é que não haverá mais a abundância de encartes que havia, a menos que eu ainda ache alguma gráfica com preços razoáveis.

Este número do **QI** ainda traz um encarte vitaminado, pois já havia feito todo o original e não ia desperdiçar o trabalho. Mas imprimir uma edição desse volume, 60 páginas, numa impressora pessoal não é viável. Portanto, 2018 promete ser um ano mais magro em matéria de encartes, mas eu não tenho obrigação de cumprir promessa que eu não fiz.

Para facilitar meu trabalho de impressão, tive que fazer algumas pequenas modificações no layout das páginas do **QI**, o que já pode ser visto neste número.

Nota: A segunda coisa a que se refere o título tratava de outro assunto, sem interesse para essa edição.

Texto publicado no **QI** 149 (jan/fev/2018).



EDGARD COUTINHA

# EDITORIAL

Como prometido, o último número de 2018 só saiu agora, em 2019. A edição está normal, como de costume, com as colaborações dos leitores, artigos, ilustrações, HQs, a divulgação de edições independentes e os comentários, debates, análises do ‘Fórum’.

Os problemas que tive no final de 2018, que abriram a possibilidade de que eu não conseguisse cumprir o compromisso de fazer as 6 edições correspondentes à anuidade, não persistem da mesma forma, mas ainda existem. Por isso, decidi não assumir compromisso de assinatura para 2019. Isto não significa que não vou fazer o **QI**. Apenas que não vou me responsabilizar pela sua regularidade bimestral.

Ora, direis a ouvir estrelas, mas nesses 26 anos de **QI**, quantas vezes consegui manter a regularidade bimestral? Poucas, é verdade. Se olharmos os editoriais do **QI**, desde que começaram a ser feitos, a palavra que indubitavelmente mais aparece é “atraso”. Mas outros tempos, outras circunstâncias, outras maneiras de se resolver o problema.

Agora, a solução que encontro é não aceitar assinatura para 2019. Tentarei fazer as 6 edições durante o ano, mas sem o compromisso assumido. Para aqueles que se adiantaram e enviaram pagamento para a assinatura de 2019, deixarei para dar o bol..., digo, para acertar as contas no final do ano, quando ficar claro se consegui ou não fazer as edições.

Para os leitores que sempre têm prestigiado o **QI** fazendo a assinatura, não vai mudar quase nada. Basta, ao receber este exemplar, o nº 154, me escrever avisando que deseja receber o próximo e eu atualizo o banco de dados. Assim, a cada **QI** recebido, é só me confirmar o desejo de receber o próximo. Esses leitores são justamente aqueles que sempre me escrevem a cada recebimento do **QI**, para fazer comentários, dar opiniões, enviar colaborações. Então, como disse, não mudará quase nada. Também não mudará nada para quem recebe o **QI** em troca de suas publicações divulgadas.

Há a questão do custo de produção e envio do **QI**, mas não é esse o problema imediato. Tenho conseguido resolver esta questão, tanto que tenho feito os vários encartes presenteados aos leitores. Então os exemplares do **QI** que eu conseguir fazer durante 2019 também serão presentes aos leitores, ou melhor, retribuições por suas participações tão valiosas. E já respondi outra questão. Ainda que eu não queira dar a garantia de conseguir fazer as 6 edições do **QI** em 2019, não significa que deixarei de tentar produzir os encartes. Tenho já muito material para vários encartes e tentarei produzir todos eles, mas, como disse, sem o compromisso da regularidade.

Agradeço a compreensão e espero sinceramente terminar 2019 com um bom lote de publicações produzidas e apreciadas pelos leitores.

Texto publicado no **QI** 154 (nov/dez/2018).



EDGARD COUTINHA

# SHIMA NO QI

O sítio Marca de Fantasia, graças à boa vontade de Henrique Magalhães, tem colocado disponível em PDF um grande número de edições do **QI**, não só os números recentes como, aos poucos, os números anteriores. Estes estão sendo colocados em contagem regressiva. Já estão disponíveis a partir do nº 79. O objetivo é chegar até o nº 0. Além disso, praticamente todos os encarte estão disponíveis, faltam apenas dois, sendo que um deles, o **Fanzine**, foi transformado em livro pela Marca de Fantasia. Agora, um novo encarte está sendo oferecido junto com este **QI**, além do *Voos n'O Tico-Tico* mencionado no editorial.

Há poucos meses, o pesquisador Alberto Pessoa me pediu informações sobre os trabalhos de Júlio Shimamoto que foram publicados no **QI**. Por facilidade, copiei em um arquivo, nos moldes de um encarte, tudo que havia no **QI** feito por Shimamoto e enviei ao Alberto. Fiz até capa e dei nome ao documento, **Shima no QI**. Com isso fiquei com um encarte pronto. Mas não pensei em fazer esse encarte impresso, pois todo o material já havia sido publicado (e impresso) no **QI**. Então consultei o Henrique e, com a concordância dele, está sendo oferecido aos leitores o primeiro encarte somente digital do **QI**.

Assim, quem quiser ver ou rever todos os trabalhos de Shimamoto que saíram no **QI**, acesse o sítio [www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com), e boa leitura!

Texto publicado no **QI** 163 (mai/jun/2020).



70	66	55	45	36	28	21	15	10	6	3	1	0
91	79	67	56	46	37	29	22	16	11	7	4	2
103	92	80	69	57	47	38	30	23	17	12	8	5
114	104	93	81	69	58	48	39	31	24	18	13	9
124	115	105	94	82	70	59	49	40	32	25	19	14
133	125	116	106	95	83	71	60	50	41	33	26	20
141	134	126	117	107	96	84	72	61	51	42	34	27
148	142	135	127	118	108	97	85	73	62	52	43	35
154	149	143	136	128	119	109	98	86	74	63	53	44
159	155	150	144	137	129	120	110	99	87	75	64	54
160	156	151	145	138	130	121	111	100	88	76	65	
163	161	157	152	146	139	131	122	112	101	89	77	
		162	158	153	147	140	132	123	113	102	90	



NO



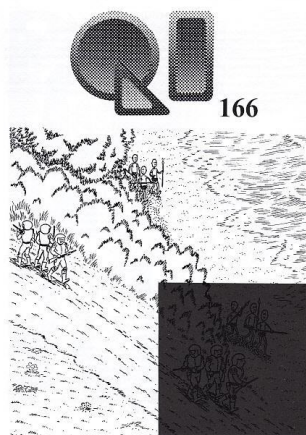
EDGARD COUTINHAES

# O QI NA MARCA DE FANTASIA

Como os leitores já sabem, o **QI** tem sido colocado à disposição de todos os interessados, gratuitamente, em versão PDF, no sítio [www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com), graças à iniciativa e generosidade de Henrique Magalhães. No princípio, apenas os números atuais e, confesso, não me lembro a partir de qual número o **QI** passou a ficar disponível no formato digital. Mas Henrique se propôs a colocar todos os números que já haviam saído, se possível desde o número zero, de janeiro/fevereiro/1993. Assim, aos poucos, e em contagem decrescente, a Marca de Fantasia está cumprindo a promessa. Até o momento, estão disponíveis os **QIs** a partir do nº 53 e com o propósito de continuar a contagem regressiva. A boa notícia é que também estão disponíveis todos os encartes que foram feitos para acompanhar o **QI**. Alguns deles, como as ‘Pequenas Bibliotecas’, verdadeiros livros. Mas há uma notícia não muito boa e acho necessária a explicação. Somente a partir do **QI** 63, de julho/agosto/2003, é que tive condições (computador, escâner, impressora) de fazer a edição totalmente diagramada no computador. Assim, para essas edições, a conversão do arquivo para formato PDF se faz com muito boa resolução gráfica. Para os **QIs** anteriores ao nº 62, não há arquivo das edições, o processo era manual, imprimia os textos, reduzia, xerocava as capas, também reduzidas (em mais de uma vez, para chegar ao tamanho necessário) e montava a edição no papel, a partir do qual se fazia a matriz de offset para a impressão dos exemplares. Desse modo, para se conseguir os arquivos em PDF que estão sendo colocados à disposição na Marca de Fantasia, eu tive que escanear as páginas impressas dos **QIs** anteriores ao nº 62, montar as edições no Word e converter para PDF. Com isso, a qualidade das imagens caiu bastante. Então fica o leitor avisado que a menor qualidade dos **QIs** mais antigos é uma questão incontornável, não é desleixo ou má vontade de nossa parte. É o que foi possível fazer.

Texto publicado no **QI** 166 (nov/dez/2020).

EDGARD COUTINHAES



# QI NAS BIBLIOTECAS

No começo de 2019, decidi dispor das publicações que eu tinha em duplicata, especialmente dos vários números do **QI** da época em que eu fazia em off-set numa quantidade maior, mas também os antigos números de **PSIU**, além de livros de que participei em sistema cooperado. Depois acabei acrescentando minhas duplicatas de revistas e livros de quadrinhos de editoras profissionais. Minha ideia era doar essas edições para bibliotecas públicas ou escolares. Comecei pela Biblioteca Nacional e pelas bibliotecas de Brazópolis. Estas receberam os conjuntos menos incompletos dos **QIs**, além dos livros que publiquei e dos quais eu tinha poucos exemplares. Estes primeiros conjuntos de publicações foram dados para três bibliotecas de Brazópolis e também três bibliófilos da cidade.

A partir de abril de 2019, passei a contatar as bibliotecas públicas e escolares, primeiramente as de Minas Gerais por uma questão de facilidade: consegui com a Câmara Municipal da cidade um livro com relação de todos os municípios do estado de Minas com os sites ou emails de contato.

Através dos sites das Prefeituras dos municípios, buscava o email da Secretaria de Cultura ou de Educação. Embora minha primeira impressão fosse a de que uma biblioteca pública estivesse subordinada à Secretaria de Cultura, foi com as Secretarias de Educação e suas bibliotecas escolares que tive a grande maioria dos retornos de contato. Quando não havia disponível os contatos das secretarias, tentava diretamente com o email do prefeito ou, em muitos casos, da ouvidoria do município. Meu procedimento foi enviar um email padrão oferecendo as publicações em doação. O texto enviado é o abaixo, que foi sendo modificado à medida que as edições iam esgotando e quando passei a contatar bibliotecas de outros estados.

Bom dia, peço a gentileza de encaminhar essa mensagem à Secretaria de Educação, de Cultura ou à Biblioteca Pública.

Possuo uma certa quantidade de edições relacionadas a Histórias em Quadrinhos, produzidas por mim desde 1982 e estou consultando as Bibliotecas Públicas de Minas Gerais para saber do interesse em receber estas edições como doação. As publicações que tenho disponíveis são:

- Álbum **Eco Lógico** – álbum em tamanho grande, editado em 1993, contendo 50 pranchas de História em Quadrinhos de diversos autores com o tema Ecologia.

- Revista **PSIU** – os dois primeiros números da revista **PSIU**, contendo Histórias em Quadrinhos e textos sobre Histórias em Quadrinhos, editados em 1982 e 1985.

- Revista **QI** – coleção incompleta (exemplares entre os números 27 e 147) da revista **QI**, lançada em 1992, contendo principalmente divulgação de edições independentes de Histórias em Quadrinhos, conhecidas como Fanzines. Traz também textos diversos e Histórias em Quadrinhos.

- Livro **Saciedade dos Poetas Vivos** volume IX – antologia de poemas de vários autores.

- Livro **Fanzine** – livro teórico sobre publicações independentes.

- Livro **Vinte Anos de Hiperespaço** – antologia de contos de ficção científica.

- Livro **Na Ponta da Língua** – livro de cartuns.

- Livro **2001 Uma Odisseia no Humor** – antologia de cartuns de vários autores.

- Livro **Humor pela Paz** – antologia de cartuns de vários autores.

- Livro **Isto é um Absurdo!** – antologia de cartuns de vários autores.

- Livro **Tiras de Letra Outra Vez** – antologia de tiras de vários autores.

- Livro **Tiras de Letra Muito Mais** – antologia de tiras de vários autores.

- Livro **Tiras de Letra Até Debaixo D'Água** – antologia de tiras de vários autores.

Caso tenha interesse em receber alguma dessas edições, me escreva confirmando o interesse e informando o endereço para que eu possa fazer o envio pelo Correio.

Atenciosamente, Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com

Dos 829 municípios de Minas Gerais, foi possível tentar o contato com 712 municípios. Os demais não tinham site ou email disponíveis. Desses 712, o contato se efetivou somente com 310 municípios, com os demais não foi possível contato por várias razões: endereços desatualizados, falta de endereços, sites inoperantes ou impossibilidade de acessar o site por incompatibilidade de softwares (leia-se, o site não aceitava se comunicar com a versão de meu navegador).

Dos 310 municípios em que o contato foi feito, 110 responderam se mostrando interessados nas publicações, que foram prontamente enviadas pelo Correio. Três municípios se deram ao trabalho de responder recusando a doação.

Esgotadas as possibilidades de contato com os municípios mineiros, tentei os de São Paulo. Consegui a lista dos municípios de São Paulo, mas sem os endereços de sites. Aí fui tentando no Google com os nomes dos municípios e ver o que conseguia. Com a lista de municípios de São Paulo, adotei um critério: só tentar o contato com municípios com mais de 20 mil habitantes. Considerei que municípios menores não tivessem biblioteca pública ou escolar.

Dos 287 municípios paulistas com mais de 20 mil habitantes, tentei o contato com 212 e consegui com 198 municípios. Desses 198 municípios, 21 aceitaram a doação e a receberam. Dois municípios responderam recusando.

Próximo estado: Paraná. Dos 95 municípios paranaenses com mais de 20 mil habitantes, tentei o contato com 70, consegui com 66 e obtive resposta afirmativa de 8, que receberam as publicações.

A vez do Rio Grande do Sul. Da lista de 119 municípios gaúchos com mais de 20 mil habitantes, percorri a lista até o 71º município. Desses, tentei o contato com 61 municípios, consegui com 56 e obtive resposta afirmativa de 11 municípios, que receberam as publicações. Interrompi as tentativas de contato em março de 2020, pois, devido à pandemia, as escolas pararam de funcionar. Ou seja, mesmo que alguém respondesse ao contato, não haveria ninguém para receber as encomendas.

Ainda tenho uma certa quantidade de coleções (com poucos números) do **QI**, do **PSIU 2** e gibis em duplicata. Talvez retome as tentativas de contato algum dia.

Fazendo um balanço das doações feitas.

Seis conjuntos de publicações foram entregues em mãos para as 3 bibliotecas e os 3 bibliófilos de Brazópolis.

Um total de 151 bibliotecas receberam as publicações oferecidas, 110 de Minas Gerais, 21 de São Paulo, 8 do Paraná, 11 do Rio Grande do Sul, e mais a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Os envios pelo Correio foram feitos em mais de um pacote. Entre abril de 2019 e março de 2020, foram enviados 430 pacotes sendo 268 registrados (Sedex, PAC ou Impresso) e 162 com porte simples. Desses pacotes enviados, foram devolvidos dois pacotes registrados, provavelmente porque não teve ninguém na escola para receber, e um pacote com porte simples, indicando que o número da rua era inexistente, o mesmo número que recebeu dois pacotes registrados.

O tamanho e conteúdo desses pacotes eram bem variados, mas de modo geral fiz o seguinte. O álbum **Eco Lógico** foi mandado em pacote separado com registro. As coleções do **QI** também foram em pacote separado com registro, sendo que as primeiras bibliotecas receberam coleção incompleta entre os nºs 27 e 147, e as últimas bibliotecas, entre os nºs 49 e 100. Os nºs 1 e 2 de **PSIU** foram enviados em pacote separado com porte simples.

Quando acabaram os exemplares de **PSIU 1**, enviei somente o nº 2 com porte simples. Os 10 livros mencionados no email padrão foram enviados em pacote separado, sendo que as primeiras bibliotecas receberam os 10 e a partir daí, à medida que ia esgotando cada título, os pacotes iam ficando menores. Finalmente, enviei livros e revistas de quadrinhos variados de minha coleção de duplicatas em pacote separado de cerca de dois quilos, com registro. Essas revistas já haviam sido anunciadas para venda no **QI** diversas vezes.

As edições que enviei às bibliotecas foram:

43 exemplares de **Eco Lógico**.

52 exemplares de **PSIU 1**.

150 exemplares de **PSIU 2**.

148 conjuntos de **QI**, com números variáveis.

30 conjuntos de livros com número variável de edições, desde o total de 10 livros até 1 livro.

48 pacotes de livros e revistas diversas de quadrinhos.

## COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Na descrição que fiz de minhas tentativas de contatar os municípios, algumas observações podem ser acrescentadas. A grande maioria dos municípios, mesmo os pequenos, possui site. Mas os sites apresentam problemas de toda ordem. Às vezes são precários, de difícil navegação, não têm muitas informações como os contatos com as várias secretarias e, na outra ponta, às vezes são feitos com os recursos mais avançados de construção de sites e não estabelecem comunicação com navegadores mais antigos. Veja no caso dos municípios mineiros, de um total de 829 municípios, só consegui entrar em contato com 310. Isso quer dizer que escrevi a eles e os emails foram devolvidos. No entanto, somente 113 responderam, 110 aceitando as publicações e 3 recusando. Essa taxa de retorno de mais de um terço, não considero ruim. Entendo que as Secretarias de Educação penam para manter as escolas e bibliotecas não são prioridade, não tem locais, funcionários, não conseguem nem aceitar doações. Com os municípios do estado de São Paulo, a taxa de sucesso no contato foi bem maior, quase dois terços, no entanto a taxa de resposta, no caso, aceitando a doação, foi bem menor, cerca de 10%. Com os municípios do Paraná e Rio Grande do Sul foram um pouco melhor, 12% e 20%, respectivamente.

O leitor, que porventura estiver lendo este texto até aqui, pode pensar que eu, me dispondo a doar uma certa quantidade de publicações, deveria ao menos pedir às bibliotecas receptoras que pagassem o frete. Seria algo justo, não? Mas conheço o mundo de outros carnavais. Por isso, no final de meu email padrão, escrevi claramente que eu faria o envio pelo Correio, para que as secretarias, escolas ou bibliotecas não tivessem preocupação com gastos. Mesmo assim, houve uma biblioteca que fez questão de confirmar que não precisaria pagar nada. “gato escaldado...”, “quando a esmola é muita...”, há vários ditos que podem ser aplicados ao caso, mas o que está por trás da pergunta é a penúria que assola as bibliotecas. Então, sim, eu fiz o envio, por minha conta, dos 430 pacotes mencionados, representando um gasto de cerca de R\$ 6.400,00.

Embora a grande maioria dos responsáveis pelas bibliotecas tenha enviado email confirmando o recebimento das publicações e agradecendo, apenas uma biblioteca enviou o agradecimento por carta, registrando a gratidão no papel. Este ano, mais precisamente no dia 25/5/2021, recebi email da ouvidoria de um município mineiro ao qual havia enviado, em 25/7/2019 (quase dois anos, portanto), meu email padrão oferecendo as publicações para doação. O email dizia:

Edgard Guimarães

Sua manifestação foi ignorada, pois não apresenta os requisitos básicos para ser atendida.

Motivo: Manifestação ultrapassada.

Sim, eu durmo, com todo tipo de barulho.

Texto publicado no **QI 170** (jul/ago/2021).



# NOVA FASE DO QI

Como já vem sendo aventado, o **QI** encerra (mais) uma fase neste número. Ao longo desses 200 números, várias vezes foi necessário fazer alterações na forma de fazer o **QI**, seja no conteúdo, na tiragem, no tipo de impressão, no preço, na forma de envio. O que não havia mudado, até agora, é que a edição sempre foi pensada como um fanzine impresso. A certa altura, o **QI** passou a ter sua versão digital disponível para leitura ou download no sítio Marca de Fantasia, graças à boa vontade de Henrique Magalhães. E com o tempo, não só todos os números do **QI**, como todos os encartes, e depois todas minhas edições anteriores ao **QI** passaram e estar disponíveis no sítio. E também com o tempo passei a fazer edições somente digitais, como várias edições especiais e a retomada da revista **PSIU**, que eu havia encerrado em 1990. As edições escolhidas para serem somente digitais foram as de grande número de páginas, formato maior e com grande parte do conteúdo formado de imagens coloridas. Assim, diante da impossibilidade de fazer essas edições impressas, optei por fazê-las somente digital. As vantagens são, obviamente, o baixíssimo custo de produção e o nenhum custo de envio. A desvantagem primeira é que só pode ser acessada através de um computador. Também fica mais distante, de modo geral, o contato entre o leitor e o editor. Sem contar, é claro, que a edição impressa tem seu atrativo como objeto físico, palpável, real.

A despeito das vantagens e desvantagens de uma edição digital, o fato é que, com o nº 200 do **QI**, estou deixando de fazer o serviço de impressão e envio do fanzine. Embora os custos de impressão e postagem não sejam desprezíveis, não é esse o motivo principal do fim do **QI** como fanzine impresso por mim. O principal motivo é o aborrecimento que o correio tem causado com os atrasos, desvios e aumentos abusivos da correspondência. Neste momento em que escrevo, já houve novo reajuste de preço. Os abusos não são de hoje. Já disse inúmeras vezes, os preços dos correios foram os que, de longe, tiveram os maiores aumentos desde o Plano Real, em 1994. E a empresa ainda tem o desplante de dizer que seus atuais problemas financeiros se devem à defasagem dos preços. Embora o correio sozinho já seja capaz de desestimular qualquer pessoa de usar seus serviços, há outras fontes de aborrecimento para o editor independente. Os equipamentos eletrônicos (computadores, impressoras, scanners) estão ficando cada vez menos amigáveis. O scanner velho que eu tinha não tem passado bem, então tenho que usar um mais novo que comprei já há alguns anos. Só que não produz imagens fieis, há várias opções de escaneamento, nenhuma resulta nas cores iguais ao original, coisa que o scanner velho fazia com o pé(?) nas costas(?). Embora minha impressora laser ainda funcione muito bem (toc! toc!), num acesso de previdência, comprei uma nova. Não consegui instalar. Chamei o técnico. Fez uma gambiarra e a impressora conseguiu imprimir. Com a imagem toda manchada. Pus a culpa na gambiarra e no computador e seu Windows que talvez estivesse desatualizado. Comprei um computador novo. Não consegui instalar a impressora. Acabou a novela.

Assim, considero que o ciclo de produção do **QI** impresso e enviado por mim se encerrou. A partir do nº 201 (ou melhor, o nº 1 depois do 200), farei o **QI** somente digital. Continuarei colocando o arquivo PDF para leitura e download no sítio Marca de Fantasia, com a concordância de Henrique Magalhães. Mas também acho viável enviar o arquivo PDF por email para o leitor interessado. Então, desde já, peço ao leitor do **QI** que me avise caso queira receber o arquivo PDF por email. De qualquer forma, sempre avisarei aos leitores quando tiver uma nova edição no sítio. Uma versão impressa do **QI** não está totalmente descartada, apenas não farei mais, eu mesmo, a impressão. Mas a edição impressa poderá ser adquirida diretamente na loja Kalimazine, onde a deixarei disponível. A encomenda, o pagamento e o envio serão por conta do Vagner Neubert, proprietário da loja Kalimazine. Sempre que sair novo número do **QI** digital, também estará disponível para impressão na loja. Uma vantagem é que a edição poderá ser impressa em preto e branco ou colorida.

Haverá alguma mudança na forma do **QI**, mas não no conteúdo. A principal mudança é que será no formato A5 e não mais no formato meio ofício 2. Mantive esse formato meio ofício 2 até o nº 200 para não quebrar o padrão, mas este tamanho de papel é cada vez mais difícil de achar (e mais caro). A versão impressa ficará um pouco menor que o A5 devido ao refilo, resultando em 140x200mm. Outra mudança é que usarei um tamanho de letra maior (10 ou 12) para facilitar a leitura. Em muitas partes do **QI** eu usava tamanho menor (7) para diminuir o número de páginas e consequentemente o custo. Numa edição digital, não tem sentido economizar número de páginas.

Como disse, não haverá mudança no conteúdo. Continuarei publicando toda colaboração que eu receber. Espero que os atuais colaboradores continuem prestigiando o **QI** nessa nova fase.

Uma questão ainda a comentar. E os encartes impressos, continuarão? Minha ideia é continuar fazendo encartes com todo material que eu receber, mas ao invés de fazer cada encarte separado, juntá-los numa edição só, chamada **Encartes do QI**, também com a opção de versão impressa pela loja Kalimazine.

Há uma desvantagem clara da edição digital em relação à impressa feita por mim. Não poderei fazer mais as montagens e colagens que fiz várias vezes nas capas do **QI**. Mas quem sabe acho modos de inventar coisas na edição digital. Uma delas, até já inventei, aquele negócio de fazer “animações” em PDF.

Não sei dizer se essas mudanças serão bem recebidas. Não sei se os leitores acostumados a receber a edição impressa pelo correio terão interesse em ler o **QI** no computador. No entanto, é o que posso fazer no momento. Se não houver interesse de um número suficiente de leitores, paciência. De qualquer forma, foram, até aqui, 200 números em 34 anos.

O tempo dirá. Ou ‘alea jacta est’, se preferir.

Texto publicado no **QI** 200 (out/dez/2026).

**QI** Ao 200  
**CHCARÁS!**



**EDGARD GUIMARÃES**